



Leitura Morfológica de Cáceres: história, forma e espaço

Thais Lara Pinto de Arruda

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ARQUITETURA E
URBANISMO
MESTRADO ACADÊMICO
THAIS LARA PINTO DE ARRUDA**

**LEITURAS MORFOLÓGICAS DE CÁCERES:
HISTÓRIA, FORMA E ESPAÇO.**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ARQUITETURA E
URBANISMO
MESTRADO ACADÊMICO
THAIS LARA PINTO DE ARRUDA**

**LEITURAS MORFOLÓGICAS DE CÁCERES:
HISTÓRIA, FORMA E ESPAÇO.**

Dissertação apresentada Curso de Pós- Graduação Stricto Sensu - Mestrado Acadêmico em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Várzea Grande -UNIVAG, como requisito para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: Arquitetura, Cidade e Território.
Linha de pesquisa: Desenvolvimento Territorial e Local

Mestrando: Thais Lara Pinto de Arruda
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1138942613997317>

Orientadora: profa. Dra. Gisele Carignani
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1138942613997317>

Co - Orientadora: profa. Dra. Rosana Lia Ravache
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1138942613997317>

Ficha catalográfica elaborada por Douglas Rios (CRB1/1610)
Biblioteca Silva Freire – Univag Centro Universitário

A779I

Arruda, Thais Lara Pinto de.

Leitura morfológica de Cáceres: história, forma e espaço / Thais Lara Pinto de Arruda. - - Várzea Grande-MT: Univag, 2026.
103 fls.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Gisele Carignani

Coorientadora: Prof^a Dr^a Rosana Lia Ravache

Dissertação (Mestrado) Univag, Curso de Pós-Graduação - Mestrado Acadêmico em Arquitetura e Urbanismo – Área de concentração: Arquitetura, Cidade e Território - Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Territorial e Local.

1. Morfologia Urbana. 2. Michael Robert Gunter Conzen. 3. Regiões Morfológicas. 4. Cáceres-MT. II. Título.

CDU 72
CDD 720

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DO EXAME DE DEFESA DE MESTRADO

Aos vinte e sete dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e seis, às 12h30, horário local, reuniu-se por meio de videoconferência a Comissão Examinadora designada para a realização do Exame de Defesa da dissertação apresentada pela discente **THAIS LARA PINTO DE ARRUDA**, regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado Acadêmico em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG como requisito final para a obtenção do TÍTULO DE MESTRE.

A dissertação, intitulada “**LEITURAS MORFOLÓGICAS DE CÁCERES: História, Forma E Espaço**”, está vinculada à Área de Concentração “**Arquitetura, Cidade e Território**”, dentro da Linha de Pesquisa “**Desenvolvimento Territorial e Local.**”

A sessão foi iniciada com a exposição da pesquisa pela discente, conforme as normas regulamentares do Programa, sob orientação do(a) Prof(a). Dr(a). Gisele Carignani. Em seguida, a banca procedeu à arguição, composta pelos seguintes membros:

Presidente: Prof(a). Dr(a). Gisele Carignani (PPGAU-UNIVAG)

1º Membro Avaliador: Prof(a). Dr(a). Renata Baesso Pereira (PUC-CAMPINAS)

2º Membro Avaliador: Prof(a). Dr(a). Jéssica Seabra (PPGAU-UNIVAG)

Após a arguição e as devidas respostas do(a) candidato(a), a banca examinadora reuniu-se em sessão reservada para deliberação, atribuindo o seguinte parecer final:


Aprovado(a)

Aprovado(a) com restrições


Reprovado(a)

Nada mais havendo a tratar, a Presidente da Banca deu por encerrados os trabalhos, sendo lavrada a presente ata, que segue assinada por todos os membros da banca e pelo(a) discente.

Várzea Grande, 27 de fevereiro de 2026

Documento assinado digitalmente
 **GISELE CARIGNANI**
Data: 02/03/2026 23:01:24-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>


Prof(a). Dr(a). Gisele Carignani,
Presidente
CPF: -083.903.548-96.

Documento assinado digitalmente
 **THAIS LARA PINTO DE ARRUDA**
Data: 02/03/2026 14:57:09-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Thais Lara Pinto de Arruda
Discente
CPF: 046.711.041-47

Documento assinado digitalmente
 **RENATA BAISSO PEREIRA**
Data: 03/03/2026 10:42:05-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof(a). Dr(a). Renata Baesso Pereira,
1º Membro Avaliador
CPF: .856.517.296-15

Documento assinado digitalmente
 **JESSICA SEABRA**
Data: 03/03/2026 21:58:24-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof(a). Dr(a). Jéssica Seabra
2º Membro Avaliador
CPF: 380.356.718-12

Importante destacar, que a presente pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES

AGRADECIMENTO

A Deus, Senhor e autor da minha fé, agradeço por sustentar-me ao longo de toda esta caminhada, concedendo força, sabedoria, perseverança e serenidade nos momentos de desafio, bem como gratidão e humildade diante das conquistas alcançadas.

À minha família, expresso meu profundo agradecimento pelo amor, apoio incondicional e incentivo constante, fundamentais para que eu pudesse prosseguir com meus estudos e superar as dificuldades inerentes ao percurso acadêmico.

Aos meus amigos, agradeço pela compreensão, pelas palavras de encorajamento e pela presença, que tornaram essa trajetória mais leve e significativa.

À UNIVAG – Centro Universitário de Várzea Grande, agradeço por proporcionar o ambiente acadêmico, institucional e científico necessário à minha formação e ao desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores, manifesto minha sincera gratidão pelo compartilhamento de conhecimentos, pelas orientações, pelo rigor acadêmico e pela contribuição intelectual que foram essenciais para meu crescimento acadêmico e para a consolidação deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (**CAPES**), agradeço pelo apoio financeiro concedido por meio da bolsa de estudos, indispensável para a realização desta pesquisa e para a dedicação às atividades do mestrado.

Por fim, registro minha gratidão a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho.

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Ligia Raquel Lara Pinto de Arruda, mulher que sempre foi meu exemplo, minha base e minha maior conselheira. Desde pequena, sempre a ouvi dizer que seu sonho era se tornar mestre na sua área, e por adversidades da vida, esse sonho não pode ser realizado por ela, mas foi cuidadosamente semeado em mim.

Foi por meio de sua dedicação, de seus ensinamentos e de seu amor incondicional que aprendi a valorizar o conhecimento e a perseverar no caminho dos estudos. Hoje, ao alcançar este título, realizo não apenas um sonho meu, mas também o dela. Esta conquista é nossa. Com todo o meu amor.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo caracterizar parte das regiões morfológicas da cidade de Cáceres (MT), com base em um dos conceitos desenvolvidos pela escola inglesa de morfologia urbana, a partir da aplicação da abordagem tripartida concebida por M. R. G. Conzen, que em síntese, compreende a análise do plano urbano, das parcelas e das edificações. A pesquisa adota como parte do procedimento metodológico a identificação de quatro áreas representativas de diferentes fases de expansão urbana do município: o Centro Histórico, a Orla do Rio Paraguai, a Cohab Velha e o Jardim Universitário. O estudo parte de um levantamento histórico-documental associado à análise morfológica e ao reconhecimento de campo, com o intuito de compreender os padrões espaciais, permanências e transformações que marcam a configuração do tecido urbano na expansão da cidade. A articulação entre os elementos físicos da paisagem urbana e os contextos históricos permite evidenciar a cidade como palimpsesto, cujas camadas espaciais refletem os diferentes períodos históricos e lógicas de ocupação. Os resultados reforçam a importância da leitura morfológica como ferramenta para a compreensão do espaço urbano, sua gênese, tendências e desdobramentos, contribuindo para a valorização da memória territorial das cidades localizadas no interior no país, como em regiões do Pantanal mato-grossense.

Palavras-chave: Morfologia urbana. Michael Robert Gunter Conzen. Regiões morfológicas. Cáceres.

ABSTRACT

This work aims to characterize part of the morphological regions of the city of Cáceres (MT), based on one of the concepts developed by the English school of urban morphology, using the tripartite approach conceived by M. R. G. Conzen, which, in short, comprises the analysis of the urban plan, the plots, and the buildings. The research adopts, as part of its methodological procedure, the identification of four areas representative of different phases of urban expansion in the municipality: the Historic Center, the banks of the Paraguay River, the old Cohab (housing project), and the Jardim Universitário (University Garden). The study begins with a historical-documentary survey associated with morphological analysis and field reconnaissance, in order to understand the spatial patterns, continuities, and transformations that mark the configuration of the urban fabric in the city's expansion. The articulation between the physical elements of the urban landscape and the historical contexts allows us to highlight the city as a palimpsest, whose spatial layers reflect the different historical periods and logics of occupation. The results reinforce the importance of morphological analysis as a tool for understanding urban space, its genesis, trends, and developments, contributing to the appreciation of the territorial memory of cities located in the interior of the country, such as in regions of the Pantanal in Mato Grosso.

Keywords: Urban morphology. Michael Robert Gunter Conzen. Morphological regions. Cáceres.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
JUSTIFICATIVA.....	15
OBJETIVOS.....	16
Objetivo Geral	16
Objetivos Específicos.....	16
METODOLOGIA	17
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL	20
1.1. Estudos sobre morfologia urbana	20
1.2. Os conceitos de M. R. G. Conzen: Paisagem Urbana, Períodos Morfológicos, Historicidade e Regiões Morfológicas	23
1.3. Os períodos históricos brasileiros e sua relação com os períodos morfológicos	29
CAPÍTULO 2 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA E DEFINIÇÃO DAS ÁREAS DE ESTUDO	34
2.1. Caracterização da área de estudo: Cáceres-MT.....	34
2.2. Contexto histórico, expansão urbana e principais marcos históricos	39
2.3. Delimitação dos recortes espaciais e critérios adotados.....	54
CAPÍTULO 3 – ANÁLISES MORFOLÓGICAS.....	68
3.1. Introdução a Análise Morfológica	68
3.2. Análise do Plano Urbano - Sistemas de vias e Quadras.....	70
3.3. Análise do Parcelamento - Sistema de Parcelas	85
3.4. Análise das Edificações - Sistema de Edifícios.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	100
---------------------------------	-----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Regiões Morfológicas da cidade histórica de Ludlow, baseado em Cozen - 1988.	27
Figura 2 - Unidade territorial de Cáceres segundo o IBGE.....	36
Figura 3 - Marco do Jauru.....	40
Figura 4 - Planta urbana de vila Maria do Paraguay.....	42
Figura 5 - Ilustração da perspectiva do espaço urbano da Vila.	43
Figura 6 - Traçado urbano de Cáceres em 1860	45
Figura 7 - Traçado urbano da cidade de Cáceres no final dos anos 60	47
Figura 8 - Construção da ponte Marechal Rondon	48
Figura 9 - Avenida General Osório à frente e Rodovia e Ponte aos fundos ...	49
Figura 10 - Avenida 7 de Setembro sendo pavimentada até o aeroporto.....	50
Figura 11 - Mapa de expansão urbana 3ª fase	51
Figura 12 - Mapa da 4ª fase de expansão urbana	54
Figura 13 - Mapa da localização das RM's selecionadas	56
Figura 14 - Região Morfológica Centro Histórico – RM 01.....	57
Figura 15 - Delimitação do perímetro de tombamento do Iphan 2012.....	58
Figura 16 - Região Morfológica Orla do rio – RM 02.....	59
Figura 17 - Região Morfológica Cohab Velha	62
Figura 18 - Região Morfológica - Jardim Universitário	65
Figura 19 - Esquema dos elementos da forma urbana	69
Figura 20 - Sistema de vias RM 01.....	71
Figura 21 - Sistema de vias RM 02.....	76

Figura 22 - Sistema de vias RM 03.....	79
Figura 23 - Sistema de vias RM 04.....	82
Figura 24 - Comparativo de sistemas de vias.....	84
Figura 25 - Sistema de parcela RM 01	86
Figura 26 - Sistema de parcela RM 02	87
Figura 27 - Sistema de parcela RM 03	88
Figura 28 - Sistema de parcela RM 04	89
Figura 29 - Comparativo de sistemas de parcelas.....	89
Figura 30 - Sistema de edifícios RM 01	92
Figura 31 - Sistema de edifícios RM 02	93
Figura 32 - Sistema de edifícios RM 03.....	94
Figura 33 - Sistema de edifícios RM 04.....	95
Figura 34 - Comparativo do sistema de edifícios.....	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Informações socioeconômicas sobre Cáceres-MT	38
Tabela 2 -Tabela de síntese das áreas de estudo	65
Tabela 3 - Tabela de sistema de vias RM 01.....	73
Tabela 4 - Tabela de sistema de vias RM 02.....	77
Tabela 5 - Tabela de sistema de vias RM 03.....	80
Tabela 6 - Tabela de sistema de vias RM 04.....	83

INTRODUÇÃO

A morfologia urbana, como campo de investigação, desempenha papel importante na compreensão da configuração das cidades e na interpretação dos processos históricos e espaciais que as moldaram. Por meio da análise das formas urbanas, que incluem o traçado viário, o parcelamento do solo e a implantação das edificações, é possível identificar permanências e transformações que revelam as lógicas de ocupação e uso do espaço ao longo do tempo. Essa abordagem, além de trazer compreensão sobre a estrutura física das cidades, contribui para a reflexão sobre os agentes sociais, políticos e econômicos que atuam na produção e na reconfiguração dos espaços urbanos.

Neste contexto, a presente pesquisa propõe uma análise morfológica da cidade de Cáceres, localizada no estado de Mato Grosso, com base na abordagem tripartida de M. R. G. Conzen, geógrafo alemão responsável por importantes contribuições ao campo da geografia urbana. Sua metodologia, estruturada a partir da análise do plano urbano, do parcelamento e das edificações, permite investigar a paisagem urbana como um palimpsesto, revelando as camadas históricas que se sobrepõem e conferem singularidade às diferentes regiões da cidade.

Cáceres apresenta um processo de crescimento territorial marcado por distintas fases de expansão urbana, cada uma delas relacionada a contextos históricos específicos, desde a fundação da vila no século XVIII. Passou pela consolidação administrativa no período imperial, pelas intervenções habitacionais promovidas durante o século XX, até os processos recentes de urbanização, muitas vezes, vinculados a marcos estruturantes, como por exemplo, os equipamentos institucionais. Essa trajetória permite identificar diferentes regiões morfológicas, cuja análise oferece subsídios para compreender o crescimento urbano do município e os fatores que influenciaram sua conformação espacial.

A partir da identificação de quatro regiões representativas, a pesquisa busca caracterizar os padrões morfológicos associados a cada fase de expansão, relacionando-os às dinâmicas históricas, políticas e socioeconômicas que marcaram o desenvolvimento da cidade. O trabalho insere-se, assim, no esforço de fortalecer os

estudos morfológicos no contexto brasileiro, especialmente em regiões historicamente negligenciadas pela produção acadêmica e pela divulgação destes conhecimentos.

Além de contribuir para o avanço da pesquisa científica na área da morfologia urbana, este estudo pretende oferecer subsídios ao planejamento urbano de Cáceres, promovendo uma leitura histórica e crítica da cidade e evidenciando a importância da preservação das características morfológicas que constituem sua identidade urbana.

JUSTIFICATIVA

O estudo da morfologia urbana constitui uma importante ferramenta para compreender os processos históricos e socioespaciais que moldaram a configuração atual das cidades. Ao investigar a forma urbana, entendida como o resultado das interações entre o parcelamento do solo, a rede viária e a edificação, torna-se possível revelar as lógicas de ocupação, transformação e permanência que caracterizam o espaço urbano ao longo do tempo. Nesse sentido, a análise da morfologia urbana da cidade de Cáceres (MT), por meio da identificação e caracterização de regiões morfológicas representativas de cada período de expansão, permite compreender como diferentes dinâmicas históricas, políticas e socioeconômicas influenciaram a constituição de seu tecido urbano.

Cáceres apresenta um processo de crescimento territorial marcado por distintas fases de expansão, cada uma delas associada a contextos específicos de desenvolvimento urbano, como a ocupação colonial, a consolidação administrativa, os programas de habitação social e a recente presença de equipamentos institucionais, como uma universidade pública. A adoção de uma região morfológica representativa para cada fase permite uma leitura comparativa e evolutiva da cidade, revelando continuidades, rupturas e padrões espaciais que ajudam a explicar a forma atual do município.

A escolha da metodologia, dentre inúmeras abordagens que a investigação morfológica oferece, optou-se pela análise tripartida proposta por M. R. G. Conzen, que compreende o estudo do plano urbano, das formas das parcelas e da edificação, oferece um referencial teórico e técnico robusto para a realização da pesquisa. Essa abordagem permite um olhar integrado sobre os elementos constituintes da forma urbana, respeitando suas especificidades e suas inter-relações. Por meio dessa metodologia, é possível identificar os agentes formadores do espaço, as permanências estruturais e as transformações decorrentes da ação dos atores sociais ao longo do tempo.

Justifica-se, portanto, a relevância deste estudo tanto pela escassez de pesquisas morfológicas aplicadas a cidades localizadas no Pantanal mato-grossense, quanto pela importância de se compreender a estrutura espacial de Cáceres, uma cidade de origem histórica no Estado, com funções urbanas e regionais relevantes.

Ao revelar a lógica interna do processo de formação e transformação da cidade, este trabalho poderá contribuir com subsídios para o planejamento urbano local, orientado por uma perspectiva histórica e morfológica que respeite as especificidades territoriais e promova um desenvolvimento mais integrado e sustentável.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Caracterizar as regiões morfológicas da cidade de Cáceres em função das quatro áreas de expansão urbana.

Objetivos Específicos

- Compreender os fundamentos teóricos da morfologia urbana e da abordagem Conzeniana, especialmente no que se refere à análise das regiões morfológicas.
- Delimitar e caracterizar quatro regiões morfológicas da cidade de Cáceres, representativas de diferentes períodos de expansão urbana.
- Aplicar a metodologia de análise tripartida de Conzen (plano urbano, parcelas, edificação) para identificar padrões espaciais e processos de transformação

METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa fundamenta-se na abordagem teórico-analítica proposta por M. R. G. Conzen, que compreende a paisagem urbana por meio de três componentes fundamentais: o plano urbano, as parcelas e as edificações. Este tipo de análise permite investigar a evolução morfológica da cidade de maneira sistemática, articulando o espaço construído com os contextos históricos e sociais que o moldaram. Aplicando essa abordagem à cidade de Cáceres (MT), busca-se identificar e caracterizar quatro regiões morfológicas representativas de diferentes fases de expansão urbana.

A primeira etapa da pesquisa consiste na realização de um levantamento histórico-documental da expansão urbana de Cáceres. Essa fase abrange a análise de fontes primárias como mapas históricos e contemporâneos, documentos oficiais, registros cartográficos, fotografias antigas e literatura científica. O objetivo é identificar os períodos mais relevantes de transformação urbana, correlacionando-os com os fatores históricos, econômicos, sociais e culturais que influenciaram a configuração do espaço urbano.

Em seguida, foi feita a delimitação das regiões morfológicas, com base na associação entre os períodos identificados e áreas urbanas que concentram características representativas dessas fases. Para essa etapa, foram observados critérios como: (i) padrão do traçado viário; (ii) tipologia e densidade das edificações; (iii) uso predominante do solo; e (iv) correspondência com legislações urbanísticas vigentes à época da formação de cada região. A escolha das áreas foi realizada a partir da análise comparativa entre mapas, imagens de satélite e observações de campo.

Na sequência, foi conduzida uma análise morfológica detalhada de cada uma das quatro regiões selecionadas. A investigação foi estruturada segundo os três elementos centrais da abordagem conzeniana:

- Plano urbano: análise do traçado viário, organização de quarteirões, dimensões das vias e configuração das quadras;
- Parcelamento: estudo das formas e padrões de lotes, incluindo proporções, alinhamentos, frentes e profundidades;

- Edificações: observação das tipologias arquitetônicas, materiais construtivos, padrões de implantação no lote e verticalização.

Paralelamente, foi realizada uma pesquisa de campo com levantamento fotográfico e registro descritivo das áreas, buscando confirmar os dados levantados previamente e identificar modificações recentes, permanências e processos de transformação espacial.

Os resultados obtidos foram sistematizados em uma síntese comparativa das quatro regiões morfológicas, evidenciando suas singularidades e os elementos de continuidade e ruptura entre elas. A articulação entre os diferentes recortes possibilitará compreender o processo de crescimento da cidade de Cáceres como um fenômeno morfológico e histórico, vinculado à atuação dos agentes sociais e às políticas urbanas de cada época.



Referencial Teórico Conceitual

CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL

1.1. Estudos sobre morfologia urbana

A morfologia urbana é um campo de estudo essencial para compreender a estrutura e a dinâmica das cidades. Ao analisar a forma, a organização e a expansão dos espaços urbanos, é possível identificar padrões de ocupação, relações entre o tecido urbano e o ambiente construído, além de fatores históricos e socioeconômicos que moldam o desenvolvimento das cidades. Este capítulo abordará os principais conceitos da morfologia urbana, explorando seus procedimentos metodológicos de análise e sua importância para o planejamento e a gestão do espaço urbano.

Para Lamas (2004), a morfologia urbana fundamenta-se na articulação e no emprego de informações provenientes de diferentes campos do conhecimento, como a economia, a sociologia, a história, a geografia e a arquitetura, com o objetivo de interpretar a cidade enquanto realidade material e construída. Essa abordagem integrada busca compreender a forma urbana em sua totalidade, bem como os processos que orientam a sua constituição e transformação ao longo do tempo, permitindo uma leitura aprofundada da cidade enquanto fenômeno físico e cultural.

Segundo Rego e Meneguetti (2011), a organização do tecido urbano ao longo do tempo não ocorre de forma aleatória, mas segue padrões que podem ser identificados e analisados. Nesse sentido, a formação física das cidades apresenta uma dinâmica própria, ainda que esteja condicionada por fatores culturais, econômicos, sociais e políticos.

Este campo de estudo busca, essencialmente, compreender e investigar a forma das cidades, abrangendo a disposição dos espaços construídos, vias, praças e outros elementos que compõem a paisagem urbana. Embora haja consenso entre os morfologistas urbanos quanto ao objeto de estudo, existe um debate significativo sobre as metodologias mais adequadas para a análise das formas urbanas (Rego; Meneguetti, 2011)

No tocante à História da Cidade, este estudo dá margem ao exame da conformação urbana, desde a sua gênese até as transformações mais recentes, identificando e dissecando os seus componentes edificados, os processos e os atores envolvidos neles. (Rego; Meneguetti, 2011, p.124)

O termo “morfologia” foi inicialmente proposto, no início do século XVIII para o século XIX, por Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), um escritor e pensador alemão que dedicou uma parte do seu trabalho à biologia. Goethe utilizou a expressão morfologia para designar a “ciência que lida com a essência das formas”. Apesar de o termo estar comumente associado às ciências biológicas, a amplitude do conceito permitiu a sua aplicação a outras áreas de estudo, uma delas é o estudo dos espaços urbanos como objeto de estudo. (Oliveira; Monteiro, 2014) Pantaleão e Delfino (2017) diz que:

Inicialmente, atrelada ao campo biológico, a utilização do termo morfologia foi gradativamente aplicada a outros campos da ciência, pela caracterização geral de sua definição, permitindo estabelecer parâmetros e critérios de classificação. Ao longo do século XIX foi cooptada pelas ciências humanas e sociais, como, por exemplo, pela geografia nos estudos relacionados às cidades, que, neste período, passaram por mudanças intensas, seja pela transformação de suas formas ou pelo intenso fluxo migratório, além do surgimento de novas aglomerações. (Pantaleão; Delfino, 2017, p. 99)

A Geografia se consolidou como uma disciplina científica na Alemanha por volta de 1880. Conforme descrito por Hofmeister (2004), as primeiras gerações de geógrafos dedicaram-se ao campo da geografia humana, buscando responder a questões fundamentais sobre a formação das aglomerações urbanas, a localização das cidades e os fatores que justificam a existência dos centros urbanos. Esses estudos foram essenciais para o desenvolvimento do pensamento geográfico, contribuindo para a compreensão das dinâmicas espaciais e das interações entre sociedade e território. (Pantaleão; Delfino, 2017)

Em 1894, Johannes Fritz publicou um estudo abrangente que analisou aproximadamente 300 cidades alemãs, intitulado *Deutsche Stadtlagen* (Planos Urbanos das Cidades Alemãs). Essa pesquisa considerou diferentes aspectos, incluindo a análise cartográfica e os planos urbanísticos, utilizando esses instrumentos como fontes primárias para elaborar uma classificação das cidades com base em seus tipos de planos urbanos. (Pantaleão; Delfino, 2017)

Paralelamente, na Inglaterra, o estudo da morfologia urbana seguiu uma abordagem distinta, desenvolvendo-se sob a influência da perspectiva histórico-geográfica. O principal precursor desta linha de pensamento foi o geógrafo alemão

Michael Robert Günter Conzen, cuja obra teve um impacto significativo na forma como se compreende a evolução e a estrutura das cidades. (Pantaleão; Delfino, 2017)

A partir do século XX são desenvolvidos os primeiros estudos sobre a morfologia urbana. M.R.G. Conzen na Inglaterra e Saverio Muratori na Itália causaram uma profunda influência na trajetória e consolidação da Morfologia Urbana como uma disciplina efetiva, pois ambos os estudiosos deram importantes contribuições para o desenvolvimento da análise do espaço urbano. (Oliveira; Monteiro, 2014)

Os dois pesquisadores se destacaram como pioneiros nos estudos sobre a morfologia urbana: M. R. G. Conzen (1907-2000), geógrafo alemão que emigrou para a Inglaterra antes da Segunda Guerra Mundial, e Saverio Muratori (1910-1973), arquiteto italiano que lecionou em Veneza e Roma. Conzen ficou conhecido por seu estudo sobre Alnwick (1960), mas sua abordagem empírica foi ofuscada pela revolução quantitativa na geografia do pós-guerra. Muratori, por sua vez, desenvolveu suas "histórias operativas" sobre Veneza e Roma, mas enfrentou resistência dos modernistas na arquitetura. Apesar disso, suas ideias influenciaram discípulos que enxergaram o valor da cidade como um palimpsesto cultural. (Moudon; Oliveira, 2015)

J. W. R. Whitehand deu continuidade ao legado de Conzen, ampliando a relação entre morfologia urbana e economia, e fundou o Urban Morphology Research Group na Universidade de Birmingham em 1974. Esse grupo se tornou um centro de excelência, promovendo pesquisas sobre cidades medievais, expansão suburbana e influenciando acadêmicos como Peter Larkham, Karl Kropf e Keith Lilley. Na Itália, Gianfranco Caniggia (1933-1987) seguiu a tradição de Muratori, desenvolvendo a abordagem "processual tipológica", que enfatiza os tipos edificados como base da forma urbana, aplicando suas ideias em projetos arquitetônicos e estudos sobre diferentes cidades. (Moudon; Oliveira, 2015)

Nos anos 1960, surgiu uma terceira escola de morfologia urbana na França, liderada pelos arquitetos Philippe Panerai e Jean Castex, em colaboração com o sociólogo Jean-Charles DePaule. Fundada na Escola de Arquitetura de Versalhes, como parte do processo de separação das Belas-Artes, essa corrente também reagiu contra o modernismo e sua rejeição da história. Além disso, foi influenciada pelo intenso debate intelectual sobre a vida urbana, envolvendo críticos como Henri Lefebvre e André Chastel. Assim, a morfologia urbana consolidou-se como um campo

multidisciplinar, abrangendo diferentes tradições e expandindo suas metodologias de análise do espaço urbano. (Moudon; Oliveira, 2015)

Tendo isso em vista, pode-se afirmar que a morfologia urbana é estudada por três principais escolas, sendo elas: a inglesa, a italiana e a francesa. Com base nisso, identificou-se quatro principais abordagens dentro da morfologia urbana: a analítica espacial, a configuracional (ou sintaxe espacial), a processual tipológica e a histórico-geográfica. Essas perspectivas ampliam o escopo dos estudos urbanos ao se integrarem a disciplinas como arqueologia, história da arquitetura, geografia e história. A diversidade metodológica reflete a natureza interdisciplinar desse campo, possibilitando uma compreensão mais abrangente da forma, estrutura e evolução das cidades ao longo do tempo. (Whitehand, 2012)

1.2. Os conceitos de M. R. G. Conzen: Paisagem Urbana, Períodos Morfológicos, Historicidade e Regiões Morfológicas

O geógrafo Michael Robert Günter Conzen nasceu em Berlim, em janeiro de 1907. Em 1925, iniciou seus estudos acadêmicos na Friedrich Wilhelms Universität (atual Universidade Humboldt), onde se dedicou à Geografia Histórica e à Filosofia, concluindo sua graduação em 1931 (Whitehand, 2013). Após a Segunda Guerra Mundial, Conzen iniciou sua carreira no Departamento de Geografia da Universidade de Durham (King's College), que, em 1946, foi renomeada como Universidade de Newcastle Upon Tyne. Foi nessa instituição que ele consolidou sua trajetória acadêmica. (Costa; Netto, 2015)

Em 1960, o geógrafo publicou um estudo detalhado sobre a cidade medieval de Alnwick, localizada a oeste de Newcastle, próxima à fronteira entre a Inglaterra e a Escócia. Essa pesquisa estabeleceu as bases metodológicas que se tornaram sua principal contribuição para a Morfologia Urbana no período pós-guerra. O trabalho se destaca pela análise minuciosa da formação urbana, pela reconstituição de dados e pela qualidade dos mapas, elaborados manualmente. Esses elementos fundamentam a tradição inglesa da Morfologia Urbana, consolidando Conzen como seu principal representante (Costa; Netto, 2015)

Pantaleão e Delfino (2017), apontam que os estudos de Conzen constituíram-se por uma visão tripartida do estudo da paisagem urbana, numa abordagem histórico-geográfica, sendo definidos os seguintes elementos básicos para classificação por meio da morfologia urbana: (i) Planos urbanísticos; (ii) Ruas; (iii) parcelas – lotes; (iv) sistema de edifícios – implantação; (v) volume edificado; (vi) usos do solo. A análise desses elementos permitiu a interpretação de dados cartográficos e plantas urbanísticas, possibilitando a caracterização de cada componente e sua associação a determinados tipos urbanos. O método desenvolvido por Conzen viabiliza a compreensão da forma urbana ao relacionar os espaços edificados e não edificados, oferecendo uma leitura integrada da estrutura da cidade.

Whitehand (2013) destaca que Conzen foi pioneiro ao propor a divisão tripartida da paisagem urbana, estruturando-a em três componentes fundamentais. No entanto, seu maior legado reside na abordagem do processo de desenvolvimento urbano, que influenciou significativamente a escola de pensamento derivada de seus estudos. Essa abordagem se fundamenta especialmente na análise da cidade de Alnwick, apresentada em *Alnwick, Northumberland – A Study in Town-Plan Analysis*, (1960) um estudo que consolidou sua metodologia de investigação morfológica.

Segundo Conzen (1969), o plano de cidade pode ser definido como a disposição topográfica de uma área urbana, englobando todas as suas características construídas pelo homem. Esse plano é estruturado a partir de três complexos principais de elementos: (i) a rede viária e sua organização dentro do sistema de ruas; (ii) as parcelas e sua disposição em quarteirões; e (iii) os edifícios, considerando, sobretudo, suas plantas de implantação. O autor define esses elementos da seguinte forma:

O termo rua refere-se ao espaço aberto delimitado por linhas de rua e reservado para o uso de tráfego de superfície de qualquer tipo. A organização desses espaços contíguos e interdependentes numa área urbana, quando vistos separadamente dos outros elementos do plano de cidade, pode ser chamada de sistema de ruas. As áreas no plano de cidade não ocupadas por ruas, e total ou parcialmente delimitadas por linhas de rua, são os quarteirões. Cada quarteirão representa um grupo de elementos contíguos ou um único elemento. Cada elemento é na sua essência uma unidade de uso do solo; é fisicamente definida por limites no solo ou acima do solo, e pode ser designada como parcela, independentemente da sua dimensão. A organização de parcelas contíguas é visível pelos limites das parcelas e, quando considerada separadamente dos outros elementos do plano de cidade, pode ser designada como padrão de parcelas. (Conzen, 1969. Tradução de Oliveira; Monteiro, 2022, p. 5)

Para o autor, a análise do plano de cidade revela que os três elementos estruturais, ruas, parcelas e edifícios, que se combinam de maneira única em diferentes áreas urbanas. Essa singularidade resulta das características específicas do sítio, influenciando o grau de homogeneidade ou a unidade morfológica de determinada região. Dessa forma, cada combinação desses elementos configura uma unidade de plano distinta, diferenciando-se das unidades vizinhas e contribuindo para a diversidade da estrutura urbana. (Conzen, 1969)

Conzen (1969) aponta que é fundamental compreender que os planos de cidade têm uma origem, evoluem e operam dentro de um contexto físico e humano, sendo incompreensíveis sem essa relação. Dessa maneira, a análise do plano deve considerar tanto as condições físicas do sítio e da situação quanto os fatores econômicos e sociais que impulsionam seu desenvolvimento. Esse panorama estabelece a base para a interdependência entre o plano urbano, o tecido edificado e o uso do solo, além de criar a conexão entre as abordagens morfológica e funcional da geografia urbana.

De acordo com Costa e Netto (2015), para analisar a paisagem urbana, Conzen estabelece dois axiomas fundamentais: a composição sistemática e hierarquizada da forma urbana e a periodização das formas no tempo. O primeiro axioma enfatiza a estruturação da paisagem urbana por meio de três categorias inter-relacionadas:

- Plano urbano – composto pelo sistema viário e pelo padrão de parcelamento do solo;
- Tecido urbano – formado por quadras e lotes com tipologias edificatórias semelhantes;
- Padrão de uso e ocupação do solo – abrangendo tanto a funcionalidade do solo quanto das edificações

O segundo axioma introduz a variável temporal na análise morfológica, evidenciando que as formas urbanas resultam de processos históricos e culturais específicos. Essas formas sofrem adaptações ao longo do tempo, refletindo diferentes períodos morfológicos e suas respectivas influências na paisagem urbana. (Costa; Netto, 2015) Segundo o geógrafo:

Os processos a analisar são de desenvolvimento econômico e social, variado na sua intensidade como nas suas formas materiais e imateriais, permitindo

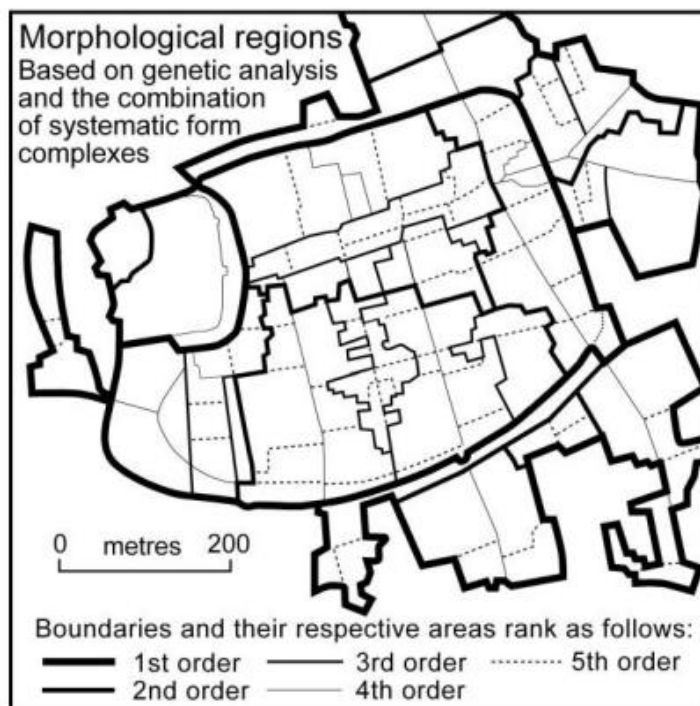
assim o reconhecimento de diferentes períodos culturais. As regiões variam na sequência e conteúdo dos períodos culturais que as conformam, e isso é também verdade para as cidades. Cada período deixa os seus resíduos materiais característicos na paisagem e, para o propósito da análise geográfica, pode ser entendido como um período morfológico. Numa paisagem urbana, qualquer período específico tem expressão tanto no plano de cidade, quanto no tecido dos edifícios. Geralmente, as unidades de plano mais recentes, em localizações mais periféricas, apresentam grande homogeneidade devido à contemporaneidade das ruas, parcelas e edifícios. (Conzen, 1969. Tradução de Oliveira; Monteiro, 2022, p. 7)

Para Conzen, o desenvolvimento histórico das cidades resulta na sobreposição de formas na paisagem urbana. Cada período morfológico deixa marcas específicas, que podem ser identificadas e analisadas. Esse fenômeno é essencial para compreender a dinâmica urbana e as transformações espaciais ao longo do tempo. (Costa; Netto, 2015)

Os períodos morfológicos são definidos como partes de um processo de transformação cultural contínua, envolvendo fatores como história local e regional, planejamento urbano, arquitetura, tecnologia e economia. (Costa; Netto, 2015) Para Conzen, a culminação da análise do desenvolvimento urbano está na identificação das regiões morfológicas, que são áreas caracterizadas por uma unidade formal distinta em relação ao seu entorno. No entanto, as fronteiras dessas regiões podem variar em termos de nitidez. (Whitehand, 2013)

No mapa das regiões morfológicas da cidade inglesa de Ludlow (Figura 1), Conzen identificou uma hierarquia de fronteiras estruturada em cinco camadas. Esse mapa representa um compósito de diferentes tipologias de plano urbano, tecido edificado e uso do solo (Whitehand, 2013). Trata-se de um método concebido para revelar o desenvolvimento histórico de uma área urbana, mas que também pode servir como ferramenta para o planejamento futuro. Segundo Conzen, a compreensão do passado é essencial para orientar a gestão da paisagem urbana, garantindo que seu desenvolvimento esteja enraizado na história da cidade. (Whitehand, 2013)

Figura 1 - Regiões Morfológicas da cidade histórica de Ludlow, baseado em Cozen - 1988.



Fonte: Whitehand, 2013

O conceito de região morfológica permite identificar e analisar partes cristalizadas dentro de uma mesma forma urbana que apresentem uniformidade e similaridade. Essa região pode variar em escala, abrangendo desde um bairro até uma zona inteira da cidade, desde que o traçado, o tecido edificado, o uso e a ocupação do solo mantenham padrões homogêneos. No entanto, quando áreas em expansão ou franjas urbanas não preservam essa conformidade morfológica, pode-se observar uma incongruência em seu traçado. (Rego; Meneguetti, 2011)

A cartografia das regiões morfológicas de Ludlow, produzida por Cozen em 1988, ilustra com clareza a aplicabilidade de sua abordagem na identificação de áreas urbanas com características formais distintas. Através da sobreposição de camadas temporais, o autor evidencia como diferentes momentos históricos deixam marcas identificáveis no plano urbano, no tecido edificado e nos usos do solo, constituindo regiões morfológicas reconhecíveis. O exemplo de Ludlow permite visualizar a capacidade da abordagem tripartida de revelar continuidades, rupturas e a complexidade das transformações na paisagem urbana.

Apesar de sua aplicação original em cidades europeias de origem medieval, como Alnwick e Ludlow, o método conzeniano demonstra versatilidade analítica e pode ser transposto para o contexto latino-americano. Cidades como Cáceres, marcadas por diferentes fases de expansão ligadas a períodos históricos e políticas de ocupação territorial, apresentam igualmente uma estratificação morfológica passível de ser identificada por meio dos mesmos princípios. A análise de Ludlow, portanto, não apenas consolida a base metodológica da escola conzeniana, mas também reforça sua relevância para estudos comparativos e interpretações morfológicas em contextos diversos.

Segundo os estudos de Conzen, o desenvolvimento histórico das cidades resulta na acumulação de formas na paisagem urbana. Esse processo não necessariamente gera uma estrutura simples ou uma composição homogênea, mas sim um arranjo complexo, marcado por elementos contrastantes. Isso ocorre porque cada período imprime sua própria marca na cidade, permitindo a identificação de distintas fases de evolução morfológica. (Costa; Netto, 2015)

Esse fenômeno não se aplica apenas às edificações, mas também ao próprio plano urbano. A presença de diferentes períodos morfológicos influencia a paisagem da cidade, resultando na sobreposição de camadas que refletem a quantidade de fases históricas envolvidas em sua conformação. A noção de historicidade está diretamente ligada à acumulação desses períodos morfológicos e, conseqüentemente, dos elementos formais associados a cada um deles. Esse processo revela a diversidade e a riqueza dos aspectos sociais e culturais que moldaram a história da cidade. (Costa; Netto, 2015).

Conclui-se, portanto, que a historicidade das paisagens urbanas varia significativamente, dependendo da diversidade dos períodos morfológicos envolvidos, da intensidade com que cada período se manifesta ou da influência particular de determinados períodos na configuração espacial. Essa variação também ocorre em função da integração entre os diferentes elementos urbanos ou da presença isolada de grandes estruturas, como igrejas, fortificações, prefeituras e pontes. Além disso, a sobreposição de períodos históricos gera no solo camadas sucessivas de elementos e eventos, introduzindo a noção de palimpsesto na compreensão da paisagem urbana. (Costa; Netto, 2015)

Nesse sentido, o conceito de palimpsesto refere-se à sobreposição de camadas históricas acumuladas em um mesmo espaço ao longo do tempo. Conzen explica que, em termos espaciais, a historicidade se manifesta de maneira heterogênea na paisagem urbana, sendo mais perceptível nas áreas centrais, onde os centros históricos apresentam uma maior concentração de eventos ao longo dos anos. Neste sentido, é importante entender que a historicidade e o palimpsesto são conceitos complementares na compreensão da paisagem urbana (Costa; Netto, 2015)

1.3. Os períodos históricos brasileiros e sua relação com os períodos morfológicos

De acordo com Lamas (2004), o meio urbano pode ser compreendido a partir de diversas perspectivas analíticas, as quais variam de acordo com os métodos e instrumentos adotados na sua interpretação. De modo geral, esses enfoques procuram evidenciar os fenômenos envolvidos na produção do espaço, considerando que as múltiplas significações presentes na cidade e na arquitetura resultam da diversidade de processos que lhes deram origem. Contudo, uma leitura restrita a um único campo disciplinar, ainda que contribua com conteúdos relevantes e esclarecedores, mostra-se insuficiente para explicar plenamente tanto a configuração urbana quanto os seus processos de formação. Dessa forma, apenas a articulação entre diferentes leituras e informações permite uma compreensão mais abrangente de um objeto complexo como a cidade.

Na arquitetura urbana observa-se a existência de relações, mais ou menos evidentes, entre as formas construídas ao longo das diferentes épocas históricas. Apesar da diversidade temporal e cultural, é possível identificar a recorrência de determinados elementos formais que conferem uma relativa unidade à expressão da cidade. A partir dessa constância, estabelecem-se vínculos entre o espaço urbano e o território geográfico, os quais podem ser analisados de maneira objetiva por meio do papel estruturador da rua. (Rossi, 2001)

Compreender as transformações da paisagem urbana em cidades históricas brasileiras, como Cáceres, exige uma abordagem integrada entre os períodos históricos e os períodos morfológicos. Essa relação é fundamental para a

interpretação das formas urbanas como expressões culturais consolidadas ao longo do tempo, resultantes de processos contínuos de permanência e transformação. Tais processos são impulsionados por fatores sociais, políticos, econômicos e tecnológicos, cujos efeitos são materializados na forma física da cidade.

De acordo com Conzen (1969), os processos a serem analisados na paisagem urbana são de natureza econômica e social, apresentando variações tanto em sua intensidade quanto em suas manifestações materiais e imateriais, o que possibilita o reconhecimento de distintos períodos culturais. As regiões, assim como as cidades, diferenciam-se pela sequência e pelo conteúdo desses períodos, sendo que cada um deles deixa resíduos materiais característicos na paisagem urbana. Para fins de análise geográfica, tais fases podem ser compreendidas como períodos morfológicos. No contexto urbano, cada período específico se expressa simultaneamente no plano da cidade e no tecido edificado. De modo geral, as unidades de plano mais recentes, localizadas em áreas periféricas, tendem a apresentar maior grau de homogeneidade morfológica, em decorrência da contemporaneidade entre a implantação das vias, o parcelamento do solo e as edificações. A exemplo disso, o autor exemplifica da seguinte maneira:

Com exceção das eras pré-histórica e Romana, os principais períodos morfológicos no caso de Alnwick são os mesmos aplicáveis ao resto da Inglaterra. No entanto, incertezas nas evidências históricas e topográficas mais antigas, assim como a incidência de fontes cartográficas recentes, tornam conveniente, para o propósito da nossa análise, adotar certas contrações e subdivisões. Conzen (1969)

Conzen (1969) entende que a compreensão dos fenômenos urbanos particulares exige a explicitação dos processos formativos que lhes dão origem, condição necessária para a formulação de conceitos de alcance geral. Tal abordagem demanda liberdade analítica para investigar, de forma articulada, a sequência temporal e a organização espacial dos elementos urbanos, sobretudo nos contextos em que uma mesma área foi submetida a sucessivas transformações de naturezas distintas. Nessas situações, as mudanças acumuladas produzem resultados variados na configuração da paisagem urbana, tornando indispensável uma leitura histórica e espacial integrada para a adequada interpretação de sua morfologia

A partir desta abordagem, é possível compreender que os períodos morfológicos são definidos como fases de desenvolvimento urbano que apresentam

coerência interna quanto à estrutura espacial e às formas construídas. Já os períodos históricos, mais amplos, englobam eventos e conjunturas ideológicas que marcam o tempo, como o Período Colonial, o Império e a República no Brasil. Embora distintos, os dois conceitos se entrelaçam: os períodos históricos fornecem o pano de fundo político e cultural, enquanto os períodos morfológicos revelam os desdobramentos físicos dessas conjunturas na paisagem urbana. (Costa; Netto, 2015)

Segundo Costa e Netto (2015), no contexto brasileiro, a partir do século XVIII, os momentos de conformação urbana foram profundamente influenciados pela lógica da colonização portuguesa e pelas diretrizes da Coroa para a época, refletidas no traçado ortogonal, na centralidade dos espaços públicos e na implantação de equipamentos administrativos e religiosos. No caso de Cáceres, essas características são evidentes na organização espacial do núcleo fundacional da cidade. Posteriormente, a urbanização republicana introduziu novos padrões de parcelamento e infraestrutura, ao passo que os programas habitacionais e de expansão urbana dos séculos XX e XXI imprimiram à paisagem um caráter mais funcional e homogêneo.

A análise morfológica, nesse contexto, consiste em interpretar os processos morfológicos da paisagem urbana histórica como manifestações resultantes de movimentos de transformação e de permanência. Esses movimentos respondem às demandas evolutivas e ambientais das sociedades urbanas, moldando-se ao longo de extensos períodos temporais. Para isso, é necessária a construção de uma estrutura temporal capaz de referenciar os diferentes períodos morfológicos identificáveis na paisagem.

De acordo com a perspectiva conzeniana, os períodos morfológicos estão inseridos em um contínuo processo de transformação cultural. Nesse processo, interagem a história geral e regional, o planejamento urbano, o urbanismo, a arquitetura, a tecnologia e a economia, entre outros aspectos culturais. Cada fase morfológica expressa características específicas, perceptíveis por meio da forma urbana: padrões de uso e ocupação do solo, tipos edifícios, sistemas viários e equipamentos urbanos, como pontes, viadutos, portos, aquedutos e outras infraestruturas de adaptação ao sítio urbano. (Costa; Netto, 2015)

Conzen propõe ainda que o esquema de períodos morfológicos seja flexível e adaptado à realidade de cada localidade e à disponibilidade das fontes históricas. Nos

estudos sobre centros históricos, essa adaptação é fundamental para que os períodos morfológicos estejam coerentemente alinhados aos registros documentais e à realidade física observável. (Costa; Netto, 2015)

Uma distinção importante apontada pelo autor é entre os períodos históricos e os períodos evolutivos. Os períodos históricos são delimitados por marcos ideológicos e eventos específicos, como regimes políticos e transformações institucionais. Já os períodos evolutivos não seguem delimitações rígidas de datas, sendo definidos pelas inovações e transformações culturais, sociais e econômicas que geram alterações significativas na estrutura urbana, caracterizando fases de ascensão e declínio de determinadas formas urbanas. (Costa; Netto, 2015)

Na realidade brasileira, os três grandes períodos históricos, Colonial, Imperial e Republicano, são especialmente relevantes para a análise morfológica de cidades como Cáceres. Esses períodos refletem diferentes modelos de administração política e influenciaram diretamente a configuração espacial das cidades ao longo do tempo.

Além das fontes cartográficas, outros registros históricos contribuíram para a compreensão da paisagem urbana brasileira. Entre eles, destacam-se as descrições de exploradores estrangeiros em expedições científicas promovidas por potências colonizadoras. Esses registros, majoritariamente visuais, como pinturas e desenhos, retratavam a paisagem da colônia com uma visão naturalista, frequentemente enfatizando os elementos exóticos e culturais, mas com pouca atenção à forma urbana em si. Isso reflete o estágio incipiente dos centros urbanos à época, que eram, em sua maioria, vilas espontaneamente formadas e com baixo grau de formalidade urbana (Costa; Teixeira, 2014).

Em síntese, a articulação entre os períodos históricos, morfológicos e evolutivos constitui uma base essencial para a análise da forma urbana de Cáceres. Tal articulação permite identificar as lógicas espaciais e culturais que moldaram a cidade em diferentes momentos, contribuindo para a leitura crítica de sua paisagem histórica e para a compreensão dos processos que ainda hoje condicionam sua estrutura urbana.



Contextualização
histórico-geográfica
e definição da área de estudos

CAPÍTULO 2 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA E DEFINIÇÃO DAS ÁREAS DE ESTUDO

2.1. Caracterização da área de estudo: Cáceres-MT

A caracterização da área de estudo é uma etapa importante para a análise morfológica urbana, pois permite compreender os elementos que compõem a estrutura espacial da cidade e as dinâmicas que moldaram seu desenvolvimento ao longo do tempo. Através dessa caracterização, é possível identificar padrões de ocupação, tipologias edificatórias, redes viárias, usos do solo e outras variáveis que influenciam a organização do espaço urbano. Além disso, a análise morfológica requer uma abordagem integrada, considerando fatores históricos, geográficos, socioeconômicos e ambientais que impactam a configuração da cidade.

No caso de Cáceres, a caracterização auxilia na interpretação das transformações ocorridas em sua estrutura urbana, possibilitando a identificação de continuidades e rupturas no seu crescimento. Dessa forma, essa etapa não apenas embasa a análise morfológica, mas também contribui para reflexões sobre o planejamento urbano e estratégias para a preservação de suas características históricas e morfológicas.

Cáceres é uma cidade do Estado de Mato Grosso localizada na região centro-oeste do Brasil. Foi estabelecida na fronteira com a Bolívia, ela está situada a uma distância equivalente a 220 km da capital Cuiabá. Fundada em 6 de outubro de 1778, a cidade surgiu por meio da imigração luso-brasileira, entretanto, antes mesmo da sua criação, já existia na área que abrangia, até então, a Vila Maria do Paraguai, um povoado constituído por 56 famílias. Posicionada à margem esquerda do Rio Paraguai, a população desfruta das regalias que o curso d'água oferece, onde o mesmo vem a se tornar um elemento cardeal para o acesso de embarcações, o escoamento de insumos e o abastecimento hídrico. (Mendes, 2010)

A fundação da cidade se deu de maneira representativa para o período, visto que, naquele momento a capitania de Mato Grosso havia sido desanexada da regência de São Paulo, transferindo a sede do governo para a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade. Esta ação tinha como objetivo frear a entrada dos castelhanos

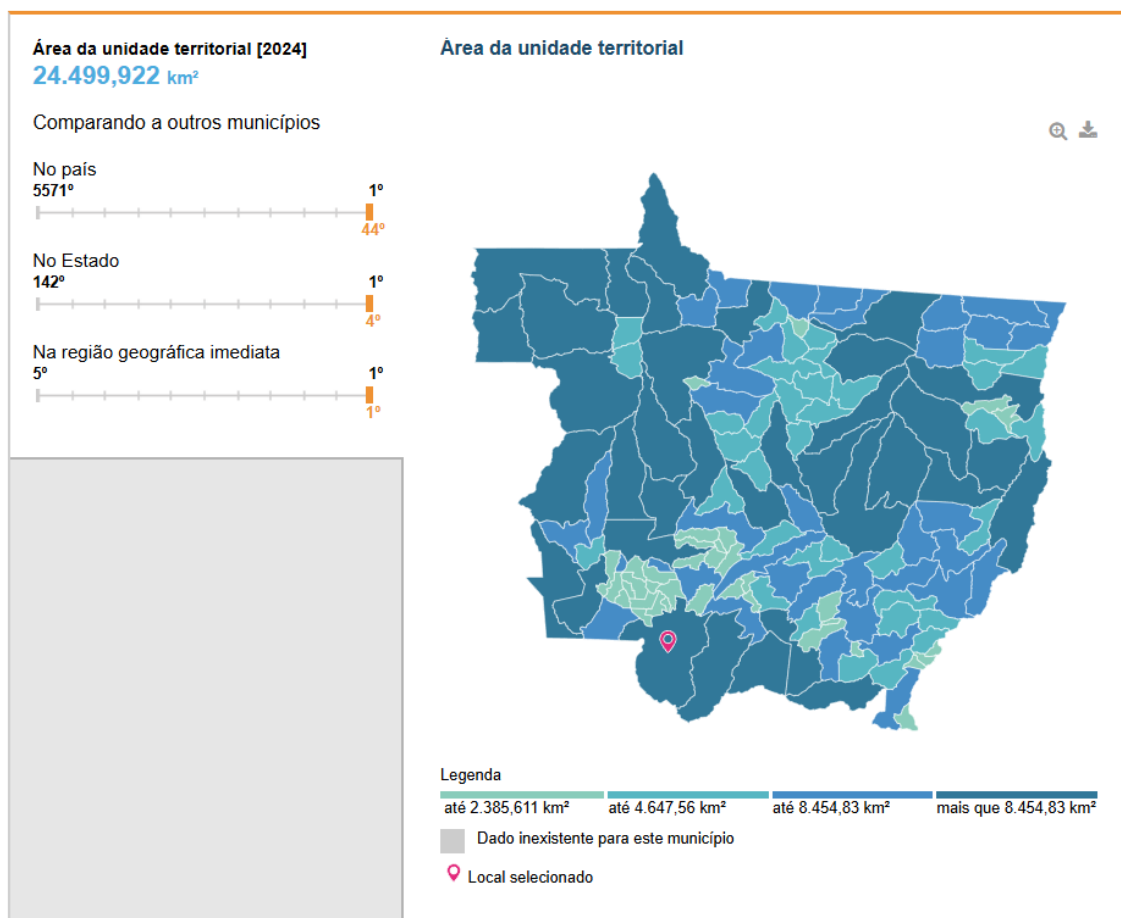
no território brasileiro e reforçar a vigilância da fronteira. Neste sentido, a Vila Maria do Paraguai, teve o seu posicionamento pensado de forma estratégica para fomentar a ocupação do interior do Brasil e reforçar o estabelecimento da fronteira na região. Outra condição determinante para a formação da vila ocorreu pela necessidade de diminuir a distância entre Cuiabá e Vila Bela, tendo o rio Paraguai como o principal elemento estruturante de ligação entre as duas cidades. (Santos, 2008)

A cidade de Cáceres foi escolhida como objeto de estudo para a análise morfológica urbana devido à sua relevância histórica e à riqueza de seus elementos. Fundada no século XVIII, a cidade desempenhou um papel fundamental na ocupação e desenvolvimento da região, sendo um dos municípios mais antigos do estado e preservando características urbanas que refletem diferentes períodos do seu crescimento.

Além disso, Cáceres apresenta um tecido urbano diversificado, com uma combinação de áreas consolidadas, espaços em processo de transformação e regiões de expansão, que são facilmente caracterizados por sua dispersão espacial, o que permite uma análise abrangente das dinâmicas de ocupação e uso do solo. No entanto, apesar da importância da cidade no contexto mato-grossense, ainda há poucos estudos voltados para a compreensão de sua morfologia urbana, tornando esta pesquisa relevante para a ampliação do conhecimento sobre sua organização espacial e os fatores que influenciaram sua configuração ao longo do tempo.

A cidade de Cáceres está localizada no Estado de Mato Grosso, integrando a mesorregião Centro-Sul do estado e a microrregião do Alto Pantanal. Suas coordenadas geográficas são 16° 04' 14" de latitude Sul e 57° 40' 44" de longitude Oeste. O município possui uma área territorial de aproximadamente 24.499,922 km², sendo a 4ª maior área do Estado de Mato Grosso (Figura 2). Além de sua importância econômica, Cáceres desempenha um papel estratégico na região devido à sua posição geográfica, fazendo fronteira com a Bolívia e sendo um dos principais acessos ao Pantanal mato-grossense. (IBGE, 2022)

Figura 2 - Unidade territorial de Cáceres segundo o IBGE



Fonte: IBGE, 2022

O município conta com uma infraestrutura de transporte diversificada. O principal eixo rodoviário é a BR-070, que conecta a cidade à capital Cuiabá e a outras localidades do estado. O Rio Paraguai, um dos mais importantes cursos d'água da região, atravessa Cáceres e desempenha um papel importante no transporte fluvial e na economia local. Além disso, a cidade dispõe do Aeroporto Nelson Martins Dantas, que atende a demandas de transporte aéreo regional (IBGE, 2022).

No que se refere ao clima, Cáceres apresenta um regime tropical quente e subúmido, caracterizado por uma precipitação média anual de aproximadamente 1.500 mm, com chuvas mais concentradas nos meses de janeiro a março. A temperatura média anual é de 24°C, podendo variar entre máximas de 42°C e mínimas extremas de 0°C em determinados períodos (Portal Mato Grosso, 2017). Em relação à vegetação, a cidade se insere em um território com expressiva diversidade ecológica, sendo composta por cerca de 30% de áreas de cerrado, 20% de formações

florestais e 50% de áreas do Pantanal, o que reforça sua importância ambiental no estado (Portal Mato Grosso, 2017).

A população do município, de acordo com dados do IBGE (2022), é de aproximadamente 89.681 habitantes, com uma densidade demográfica de cerca de 3,66 habitantes por Km², sendo a 7^a cidade mais populosa do Estado de Mato Grosso. A dinâmica demográfica da cidade revela um crescimento moderado, impulsionado principalmente pelo setor agropecuário e pelos serviços. Em termos de urbanização, o município apresenta uma taxa elevada, refletindo a concentração da população em áreas urbanas e a importância do setor terciário para a economia local (IBGE, 2022).

A economia de Cáceres é sustentada por diversos setores, com destaque para a agropecuária, o turismo e os serviços terciários. A atividade agropecuária tem grande relevância na região, sendo a criação de gado de corte um dos pilares econômicos. O turismo também é um setor significativo, impulsionado pelo ecoturismo, o turismo de pesca e o turismo de eventos, tendo o Festival Internacional de Pesca Esportiva (FIPe) um dos principais eventos atrativos para os turistas, que movimentam a economia local durante a sua realização. O setor terciário, representado pelo comércio e pelos serviços, também desempenha um papel fundamental, fornecendo suporte às demais atividades econômicas.

No que se refere aos indicadores socioeconômicos, Cáceres apresentou um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,708 no ano de 2010. O Produto Interno Bruto (PIB) per capita do município, conforme dados do IBGE (2021), foi de R\$ 23.753,91. Esses indicadores refletem a relevância econômica da cidade dentro do contexto estadual e sua importância regional (IBGE, 2022).

A tabela a seguir informa de maneira objetiva os principais dados socioeconômicos da cidade de Cáceres de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Tabela 1 – Informações socioeconômicas sobre Cáceres-MT

Informações sobre Cáceres - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	
Prefeito	Antônia Eliene Liberato Dias [2025]
Gentílico	cacerense
Área Territorial	24.499,922 km ² [2024]
População no último censo	89.681 pessoas [2022]
Densidade demográfica	3,66 hab/km ² [2022]
População estimada	91.626 pessoas [2024]
Escolarização 6 a 14 anos	97,8 % [2010]
IDHM - Índice de desenvolvimento humano municipal	0,708 [2010]
Mortalidade infantil	15,68 óbitos por mil nascidos vivos [2022]
Total de receitas brutas realizadas	403.645.190,62 R\$ [2023]
Total de despesas brutas empenhadas	438.136.155,50 R\$ [2023]
PIB per capita	23.753,91 R\$ [2021]

Fonte: IBGE, 2022

Diante do acima exposto, pode-se entender que a cidade de Cáceres se caracteriza como um centro estratégico para o estado de Mato Grosso, destacando-se não apenas por sua posição geográfica e infraestrutura de transporte, mas também

pela diversidade de suas atividades econômicas e sua importância ambiental no contexto do Pantanal.

2.2. Contexto histórico, expansão urbana e principais marcos históricos

Como já mencionado, a formação territorial de Cáceres se insere no contexto da demarcação da fronteira oeste do Brasil no século XVIII, período em que a coroa Portuguesa buscava consolidar a ocupação de Mato Grosso frente a expansão territorial espanhola. A região era estratégica devido à sua proximidade com a província de Chiquitos, onde os espanhóis estabeleceram missões jesuíticas que serviam tanto para a conversão religiosa quanto para a defesa territorial. (Garcia; Miceli, 2014) Em contrapartida, os portugueses expandiram seus domínios por meio das bandeiras paulistas e da criação de núcleos urbanos, como forma de garantir a posse das terras, fortalecendo a presença lusitana na fronteira. (Chaves; Arruda, 2011)

A assinatura do Tratado de Madri em 1750 foi um marco importante nesse processo, pois redefiniu os limites coloniais entre Portugal e Espanha e impulsionou a ocupação territorial, especialmente no Mato Grosso. Como resultado, a coroa Portuguesa intensificou a fundação de vilas e fortalezas, criando uma rede de povoados que garantiram maior controle sobre a região. (Chaves; Arruda, 2011)

Dentro dessa política expansionista, foi estabelecido o Marco do Jauru, nas confluências das margens do rio Jauru e do rio Paraguai no ano de 1754, como um símbolo da delimitação territorial portuguesa no oeste da capitania. O Marco do Jauru (Figura 3) dentro deste contexto, não se tratava de um monumento, mas sim, de um documento que reportava as atividades de demarcação territorial respaldadas pelo Tratado. (Garcia; Miceli, 2014)

Figura 3 - Marco do Jauru

Fonte: Arquivo pessoal Adilson Reis

Mais de duas décadas depois, em 6 de outubro de 1778, foi fundada a Vila Maria do Paraguai, atual cidade de Cáceres. E é neste contexto que Cáceres foi fundada pelo tenente de Dragões Antônio Pinto Rego e Carvalho por determinação do quarto governador e capitão-general da capitania de Mato Grosso, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres. Em seu primeiro momento, o nome de “Vila Maria do Paraguay”, foi dado em homenagem a rainha de Portugal. (Ferreira, 2017).

Segundo Mendes (2010), Luiz Albuquerque, empossado como governador capitão-general em 1722, percebeu de imediato a distância significativa entre a capital, Vila Bela da Santíssima Trindade, e outras regiões da capitania. Consciente dos riscos que esse afastamento poderia representar, decidiu adotar medidas voltadas à segurança do território. A estratégia de mitigação consistiu em garantir cobertura à capital a partir da distância, o que foi viabilizado por meio da fundação de novas vilas, as quais aproximavam e facilitavam o acesso à sede administrativa, o autor destaca que:

Tratou Luiz de Albuquerque de prevenir os imprevistos por meio de um dispositivo audacioso. Esse dispositivo consistiu no avanço da ocupação portuguesa para além do Jauru e do Rio Paraguai, em pleno território castelhano. Para garantir esta ocupação temerária e flagrantemente contrárias às letras dos Tratados, mandou fundar o Forte de Coimbra (Corumbá) na margem ocidental do Paraguai e Vila Maria (Cáceres) na

margem leste do rio, acima do Jauru, a caminho de Cuiabá ambas em terrenos altos e férteis. (Mendes, 2010, P. 5)

O Termo de Fundação da Vila Maria do Paraguai apresentava as condições em que a vila se erigiu, determinando a sua localização espacial, que compreendia a margem oriental do Rio Paraguai, assim como os seus primeiros moradores. Este, compreendiam casais de índios castelhanos desertados para os domínios portugueses da Província de Chiquitos. O Termo também informava como deveria ser a organização espacial do núcleo urbano que por sua vez era descrita da seguinte forma:

O suposto plano do terreno para a dita vila se acha com alguma disposição para continuar a fundar-se com regularidade, contudo como alguns dos alinhamentos não estão conforme o projeto da boa Polícia como deveriam ser, determinou ele, o dito Tenente, a todos os moradores em nome de Sua Ex.^a, que deixando de fazer mais um benefício a várias cabanas existentes, só nelas assistissem em quanto se fabricavam casas no novo arruamento que lhe fica prescrito e batizado por ele, Tenente, com marcos sólidos de pau de Ley; sendo obrigados a não excederem e nem diminuir a dita construção na altura de 14 palmos de pé direito na frente de todas as casas que se levantarem, e 24 palmos de altura do cume. (NDIHR/UFMT. s.d. p. 28)

Este contexto é imediatamente direcionado ao traçado urbano hipodâmico idealizado para a Vila Maria do Paraguai, obtidas pelas suas ruas e quadras geometricamente traçadas como um tabuleiro de xadrez, tendo a igreja voltada para o poente, não distante das margens do Rio Paraguai. (Chaves; Arruda, 2011) Neste ínterim, as ruas e o traçado urbano foram descritos no Termo de Fundação da seguinte maneira:

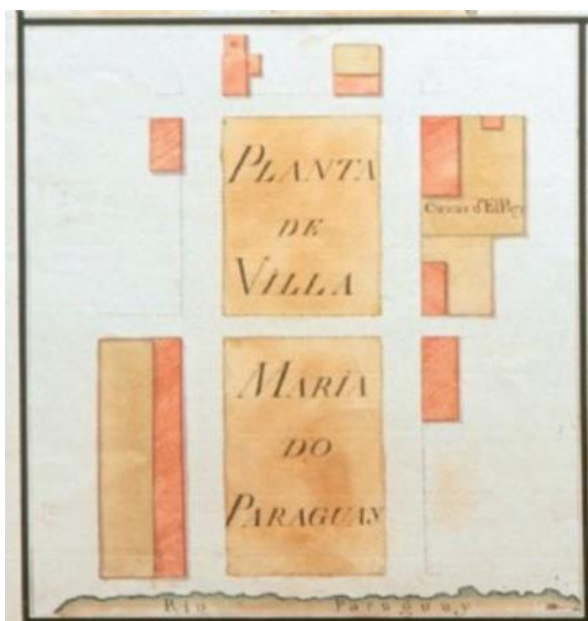
As larguras de 60 palmos de ruas que estão assinada por ele, Tenente, cujas atualmente demarcadas e balizadas, terão os seguintes nomes, a saber a primeira contando do norte = Rua de Mello; as quais ambas vão desembocar na praça e cada uma delas faz face a mesma do norte e sul; assim como também as travessas de 30 palmos que dividem os quarteis das ditas ruas, e se denominarão estas travessas, a primeira contando do poente para a nascente = Travessa de Pinto, e a que se segue contando também para a nascente = Travessa do Prego, e no alto da praça, da mesma banda do nascente cuja a frente fica riscada entre as ruas e travessas, com 360 palmos cujo o número tem também as demais quadras, poderão os moradores erigir a sua igreja por ficar a porta principal dela para o poente como determinam os rituais, e o mais terreno desta frente da praça por agora se não ocuparão em casas, deixando-o livre para o conselho e cadeia, quando se deverem fabricar. (NDIHR/UFMT. s.d. p. 29)

Os diferentes registros da formação do espaço urbano da povoação de Vila Maria, datados do final do século XVIII, expressam a aplicação de uma política de planejamento urbano no desenvolvimento do seu traçado, que por sua vez eram parâmetros característicos das novas urbes lusitanas construídas naquele momento. Discutindo a diversidade morfológica das cidades do império português do período, Araújo, Carta e Rossa (2002) dizem que:

[...] todos os núcleos urbanos diferem muito entre si. Apresentam, no entanto, características comuns: a sobrevalorização do espaço público, as relações perspectivas de escala urbana e territorial, a diversidade topográfica de implantação, a linguagem formal/arquitetônica unificada, a relação com a paisagem de água, concentrada na grande interface urbana que era o porto, etc. (Araújo; Carta; Rossa. 2002: P. 13)

A planta urbana de Vila Maria (Figura 4) certifica que aquele pequeno povoado trazia em sua espacialidade as formas planejadas de organização espacial que estavam presentes nos demais centros urbanos do império português, dado que a mesma era composta, basicamente, por uma grande praça, da qual, em seu entorno articulavam-se duas filas de casas de lados opostos, sendo a parte situada a leste da praça destinada a uma pequena igreja e a parte a oeste aberta para a margem esquerda do Rio Paraguai. (Garcia; Miceli, 2014)

Figura 4 - Planta urbana de vila Maria do Paraguay



Fonte: História e Fronteira, 2014.

A partir da imagem acima, recorre-se ao conceito de morfogênese, entendido como o processo de origem e conformação inicial da forma urbana. Segundo Costa e Netto (2015), a morfogênese refere-se à configuração primária das paisagens urbanas históricas, sendo percebida de modo mais evidente nos centros urbanos consolidado.

Através da Figura 5, é possível fazer a leitura da ilustração da perspectiva do espaço urbano da Vila, onde os desenhos foram feitos por integrantes da Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira, durante os anos de 1783 e 1792. A organização do espaço urbano da nova vila incorporada as novas perspectivas que o reformismo ilustrado do período pombalino abriu para Portugal e seu vasto império colonial, na segunda metade do século XVIII. (Garcia; Miceli, 2014)

Figura 5 - Ilustração da perspectiva do espaço urbano da Vila.



Fonte: História e Fronteira, 2014.

Os métodos, sempre buscavam reforçar a racionalização do espaço, expressados nos alinhamentos das vias e edificações e nos traçados ordenados. Dentro desse planejamento, eram demarcadas em primeiro lugar as praças com a previsão da localização da igreja, a partir disso eram dispostos a casa de câmara e cadeia e outras edificações públicas, para então ordenarem os lotes individuais que eram concedidos para a construção de residências. (Schürmann, 1999)

Desde a sua fundação, Cáceres manteve uma forte relação com o Rio Paraguai, que se consolidou como a principal via de transporte, comunicação e comércio da região. O rio serviu como rota estratégica para a circulação de mercadorias e pessoas, conectando Mato Grosso a outros mercados nacionais e internacionais. Durante o período colonial, a navegação fluvial tornou-se essencial para a economia local, pois era o único meio viável para o abastecimento da vila e a exportação de produtos como couro, charque e borracha.

No século XIX, com o declínio da mineração, a economia de Mato Grosso passou por uma reestruturação, e a navegação pelo Rio Paraguai tornou-se ainda mais relevante. O transporte fluvial ligava Cáceres a Corumbá, Assunção e Buenos Aires, possibilitando o intercâmbio comercial com o Cone Sul e facilitando a importação de produtos estrangeiros, como ferramentas, tecidos e bebidas. (Oliveira, 2005)

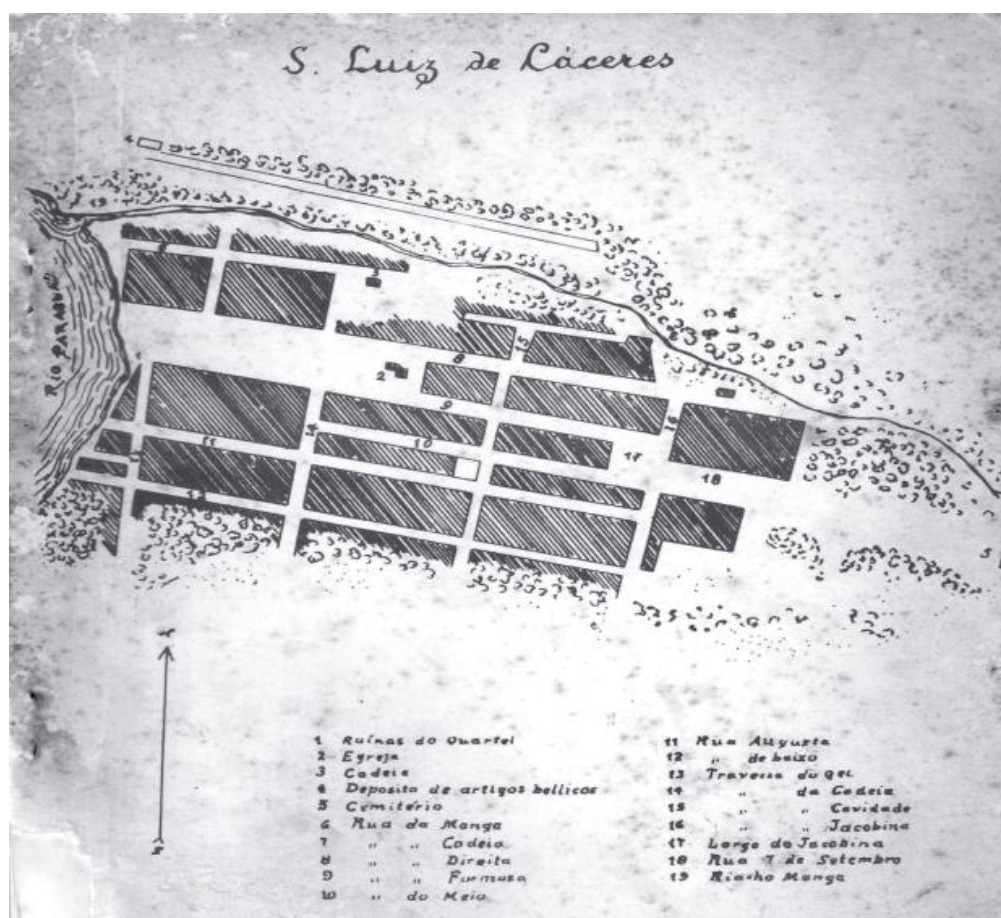
A expansão urbana de Cáceres reflete os ciclos econômicos e as transformações políticas que moldaram a cidade desde sua fundação em 1778, como Vila Maria do Paraguai. Inicialmente, o povoado era pequeno, com poucas casas ao redor de uma grande praça e uma igreja. O viajante francês Hércules Florence, que esteve na região em 1827, destacou que o crescimento da vila estava atrasado devido às dificuldades de comunicação e transporte. O isolamento geográfico foi agravado quando, em 1835, a sede do governo provincial foi transferida para Cuiabá, reduzindo a relevância estratégica da vila. (Mendes, 2010)

No entanto, o desenvolvimento econômico das fazendas da região, como a Jacobina, impulsionou a urbanização. Com a abertura da navegação no rio Paraguai no século XIX, Cáceres se tornou um importante centro comercial, exportando produtos agropecuários como charque, peles e a poaia. (Mendes, 2010)

Em 1874, Vila Maria foi elevada à categoria de cidade com o nome de São Luiz de Cáceres, marcando uma fase de crescimento urbano estruturado, com a criação de novas ruas e a implementação do Código de Posturas de 1860, que regulamentava o uso do espaço urbano. (Castrillon, 2006)

A Figura a seguir ilustra como se encontrava o traçado urbano de Cáceres em 1860.

Figura 6 - Traçado urbano de Cáceres em 1860



Fonte: História e Fronteira, 2014.

A transição para o século XX trouxe novas transformações urbanísticas. A cidade recebeu melhorias em infraestrutura, como a inauguração do Mercado Municipal em 1923, do porto Mário Corrêa em 1928 e do primeiro hospital, o São Luiz, em 1940. (Mendes, 2010) Durante as décadas de 1950 e 1960, a chegada da energia elétrica, a implantação do serviço telefônico e a urbanização da Praça Barão do Rio Branco consolidaram o avanço da cidade. A pavimentação das vias e a expansão urbana também ocorreram com o loteamento São Luiz e a construção da Avenida 7 de Setembro, que se tornou um dos principais eixos comerciais. (Almeida, 2014)

A abertura de novas vias urbanas refletiu diretamente a reconfiguração das atividades econômicas locais, tendo o rio Paraguai como principal eixo de circulação e escoamento da produção. Observa-se que a maior parte das ruas implantadas nesse período desenvolveu-se no sentido norte-sul, acompanhando a extensão da baía, segundo um traçado de caráter mais orgânico quando comparado ao arruamento embrionário de origem setecentista, embora sem o abandono das formas

retilíneas. Esse mesmo padrão orientou a expansão da cidade em direção ao leste, articulando-se às áreas produtivas da Fazenda Jacobina e aos sítios e fazendas da região da Morraria, responsáveis pelo abastecimento interno de gêneros alimentícios. (Pinho, 2011)

Os Códigos de Postura configuraram-se, desde o período colonial, como dispositivos fundamentais na regulação da vida urbana no Brasil, orientados por uma lógica de disciplinamento e higienização do espaço. Conforme aponta Oliveira (2005), tais normativas expressavam a busca por uma “cidade disciplinar e higienizada”, institucionalizada inicialmente pelas Ordenações do Reino a partir do século XVI e, posteriormente, consolidada no período imperial com a Lei de 1828 e o Ato Adicional. Nesse contexto, a elaboração dos códigos municipais passou a integrar o aparato administrativo local, ainda que submetido à aprovação das instâncias provinciais.

No caso de Vila Maria do Paraguai, atual Cáceres, o Código de Postura de 1860 evidencia a incorporação dessas diretrizes normativas ao processo de organização urbana. Conforme documentação de 1859, os projetos de postura elaborados pela Câmara Municipal eram encaminhados à presidência da província para validação, demonstrando a articulação entre o poder local e o governo central (Castrillon, 2006). Tal instrumento normativo extrapolava a simples regulamentação administrativa, constituindo-se como um verdadeiro estatuto urbano, responsável por disciplinar o traçado da cidade, regular práticas econômicas e intervir diretamente na vida cotidiana da população.

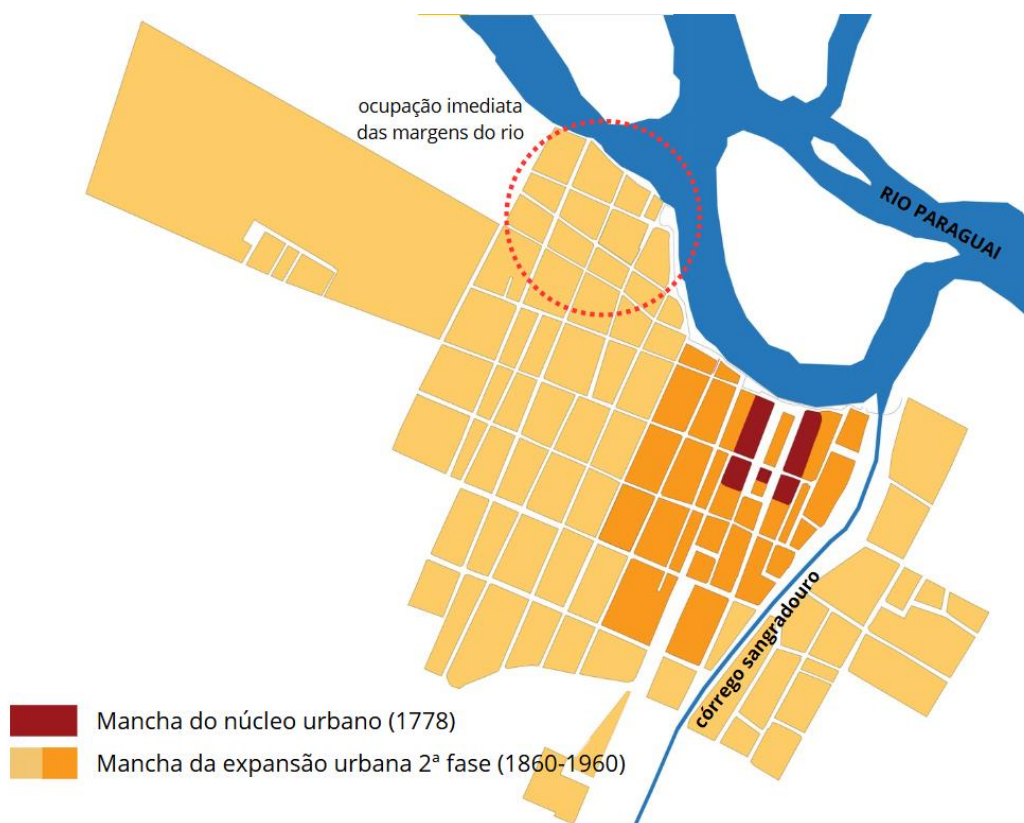
A ação dessas regulamentações esteve diretamente vinculada a uma política urbanística promovida pelos vereadores locais, que visava reconfigurar o traçado urbano herdado do século XVIII. A ampliação e ordenamento da malha urbana — que passou de duas ruas, duas travessas e uma praça, em 1778, para seis ruas, quatro travessas e dois largos na década de 1860 — refletem uma intervenção planejada que buscava conferir maior racionalidade e valorização ao espaço urbano (Castrillon, 2006). Contudo, esse processo não se deu de forma neutra, estando associado a mecanismos de exclusão social.

Dessa forma, o Código de Postura de Vila Maria do Paraguai pode ser compreendido como um instrumento central na formação do espaço urbano de Cáceres, ao articular ordenamento físico, regulação econômica e controle social. Sua

atuação não apenas estruturou a morfologia urbana, mas também revelou as estratégias de poder subjacentes à produção da cidade, evidenciando que o processo de urbanização esteve intrinsecamente ligado à disciplina dos corpos, à hierarquização social e à exclusão de determinados grupos do espaço formalmente regulado.

A Figura 7 ilustra como se encontrava o traçado urbano da cidade de Cáceres no final dos anos 60, representando a segunda fase de expansão urbana da cidade de Cáceres.

Figura 7 - Traçado urbano da cidade de Cáceres no final dos anos 1860



Fonte: Do autor, 2018.

O período compreendido entre as décadas de 1960 e 1970 representou um marco significativo na transformação urbana, econômica e social do município de Cáceres-MT. Esta fase foi inaugurada com a construção da ponte Marechal Rondon sobre o rio Paraguai (Figura 8), elemento determinante para a consolidação da ligação rodoviária permanente entre Cáceres e a capital do estado, Cuiabá. Essa nova conexão provocou o declínio da navegação fluvial, até então essencial à economia

local, e reconfigurou o eixo de influência comercial, deslocando-o de Corumbá para Cuiabá.

Figura 8 - Construção da ponte Marechal Rondon



Fonte: Arquivo pessoal Adilson Reis

Nesse contexto, a cidade de Cáceres, que possuía pouco menos de 30 mil habitantes, começou a experimentar uma série de transformações estruturais. Caracterizada por uma vida tranquila e econômica baseada na pecuária e agricultura, passou a ser considerada um polo de desenvolvimento no oeste mato-grossense (Chaves; Arruda, 2011). A construção da ponte, além de facilitar o processo migratório iniciado nos anos 1950 e intensificado nas décadas seguintes, inseriu a cidade de forma mais efetiva na malha de transportes e nas políticas de desenvolvimento nacional.

Com a nova dinâmica urbana, iniciou-se a pavimentação asfáltica de diversas vias, e a expansão da malha urbana passou a se direcionar ao sul, com o loteamento São Luiz, situado próximo à rodovia (imagem 9). A prefeitura também promoveu a implantação do cartório do 3º ofício, a construção do parque de exposições agropecuárias e a inauguração da Catedral São Luiz, cuja conclusão levou aproximadamente 45 anos. Outros marcos desse período incluem a instalação dos primeiros serviços telefônicos automáticos, a inauguração da delegacia regional de polícia e, sobretudo, a doação de terreno ao Ministério da Aeronáutica para a

construção do Aeroporto de Cáceres. O aeroporto viria a ter sua estação de passageiros inaugurada em 1977, funcionando como vetor de expansão urbana e conectividade regional. (Mendes, 2010)

Figura 9 - Avenida General Osório à frente e Rodovia e Ponte aos fundos



Fonte: Arquivo pessoal Paulo Fanaia

Paralelamente, o antigo porto Mário Corrêa foi desativado, simbolizando a ruptura definitiva com a navegação fluvial. No lugar, deu-se início à implantação de um novo porto nas proximidades da ponte Marechal Rondon, sob responsabilidade do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis (DNPVN). Também foram realizados importantes intervenções urbanas como a canalização do córrego Sangradouro, que facilitou a expansão ao norte, a construção da estação rodoviária, a instalação da primeira repetidora de televisão, e a transferência dos serviços de água, esgoto e energia elétrica para a SANEMAT e CEMAT, respectivamente. (Mendes, 2010)

Na década de 1970, destaca-se a construção da Avenida 7 (imagem 10) de Setembro, considerada uma das mais expressivas intervenções no traçado urbano da cidade. Seu projeto seguia os preceitos racionais da formação do espaço urbano, com ruas primárias e secundárias irradiando da Praça Major João Carlos. Inicialmente com baixa densidade de edificações e sem pistas laterais, a avenida foi ganhando importância estratégica, abrigando, de um lado, a Igreja do Perpétuo Socorro

(construída ainda em 1950) e, do outro, o Hospital São Luiz. A pavimentação da via impulsionou as atividades comerciais e promoveu a reconfiguração das relações econômicas locais, permitindo que produtores rurais comercializassem seus produtos com maior eficiência (Almeida, 2014).

Figura 10 - Avenida 7 de Setembro sendo pavimentada até o aeroporto



Fonte: Arquivo pessoal Paulo Fanaia

A Avenida 7 de Setembro tornou-se eixo central do comércio e tráfego da cidade, favorecendo o surgimento de postos de gasolina, o terminal rodoviário, o cemitério municipal e outras infraestruturas que expressavam o ideário de progresso e modernidade (Almeida, 2014). O impacto dessas intervenções fez com que Cáceres fosse consolidada como polo regional, atraindo migrantes e recursos, o que exigiu da administração pública uma reestruturação profunda. Como resposta, foi celebrado em 1970 um convênio entre o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU) e a Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro-Oeste (SUDECO), com vistas à elaboração de relatórios preliminares para o desenvolvimento integrado do município. (Mendes, 2010)

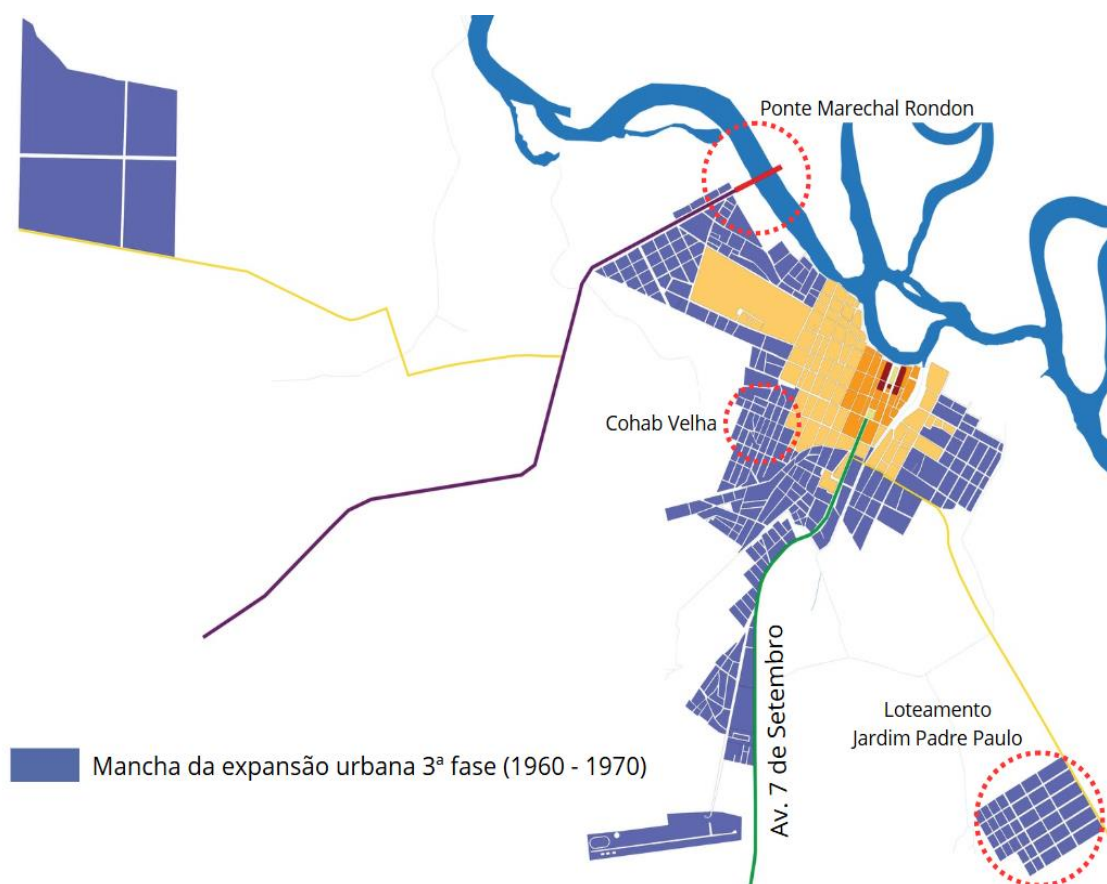
As orientações desses relatórios enfatizavam a importância de se preservar uma infraestrutura básica capaz de sustentar o crescimento urbano e evitar o êxodo da população local. Assim, políticas de habitação e trabalho foram gradualmente implementadas, como o loteamento Jardim Padre Paulo, que impulsionou a expansão urbana ao norte, e a criação do distrito industrial. A construção da Escola Agrotécnica

Federal e a inauguração do Instituto de Ensino Superior de Cáceres (IESC), em 1978, também marcaram esse esforço de modernização e diversificação da estrutura socioeconômica urbana.

Portanto, as décadas de 1960 e 1970 foram cruciais para a consolidação de Cáceres como centro regional de importância estratégica. As intervenções urbanas e as políticas de planejamento integradas às diretrizes nacionais contribuíram para a reconfiguração da paisagem urbana e para a modernização dos serviços e da infraestrutura local, destacando-se a ponte Marechal Rondon, o Aeroporto Municipal, os novos loteamentos habitacionais e a emblemática Avenida 7 de Setembro como símbolos dessa transformação.

A Figura 9 ilustra como se encontrava o traçado urbano da cidade de Cáceres no final da terceira fase de expansão urbana.

Figura 11 - Mapa de expansão urbana 3ª fase



Fonte: Do autor, 2018.

A quarta fase da evolução urbana e econômica de Cáceres, compreendida principalmente nas décadas de 1980 e 1990, caracteriza-se pela intensificação dos

desmembramentos territoriais e pela resposta da administração pública frente à perda de importantes áreas do município para formação de novos núcleos urbanos. Diante dessa fragmentação territorial e da pressão por reorganização funcional da cidade, o poder público municipal iniciou um processo de reestruturação administrativa e espacial que resultou na criação do Centro Operacional de Cáceres (COC), símbolo da ampliação e modernização da máquina administrativa local. (Mendes, 2010)

O contexto desse período também revela o fortalecimento das instituições de ensino técnico e superior como pilares estruturantes da urbanização. A inauguração da Escola Agrotécnica de Cáceres, fruto de uma ação conjunta entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC), o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal, insere-se no programa nacional de expansão do ensino técnico-profissionalizante. Pouco tempo depois, o Instituto de Ensino Superior de Cáceres (IESC) recebe autorização do MEC para funcionamento, vindo a ser assumido pelo governo estadual e convertido no Centro Universitário de Cáceres. Em 15 de dezembro de 1993, este centro é transformado na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT (UNEMAT, 2017), consolidando-se como um marco na estruturação educacional e territorial da cidade.

No campo habitacional e de infraestrutura urbana, os anos 1980 assistem à implementação do Núcleo Habitacional da COHAB, ao lado do já existente loteamento Jardim Padre Paulo. Essa política habitacional é complementada por programas federais como o Comunidade Urbana de Recuperação Acelerada – CURA I e CURA II, sob responsabilidade do extinto Banco Nacional da Habitação (BNH). Inicialmente destinado à complementação de infraestrutura em vazios urbanos, o programa passou a desempenhar papel estratégico na reestruturação urbana de Cáceres, adensando o tecido urbano, promovendo melhorias habitacionais e contribuindo para o crescimento ordenado da cidade. (Fest, 2005)

Durante esse período, diversos equipamentos e projetos urbanos foram implantados ou ampliados, como o parque de exposições agropecuárias, que já havia sido construído anteriormente, mas ganhou novo protagonismo diante da expansão da produção regional. Além disso, houve a instalação do frigorífico Vicarne e o desenvolvimento do Projeto de Desenvolvimento Regional Integrado (PDRI), que buscava articular setores produtivos, logísticos e sociais com o intuito de promover

um desenvolvimento mais equilibrado e coordenado no território municipal. (Mendes, 2010)

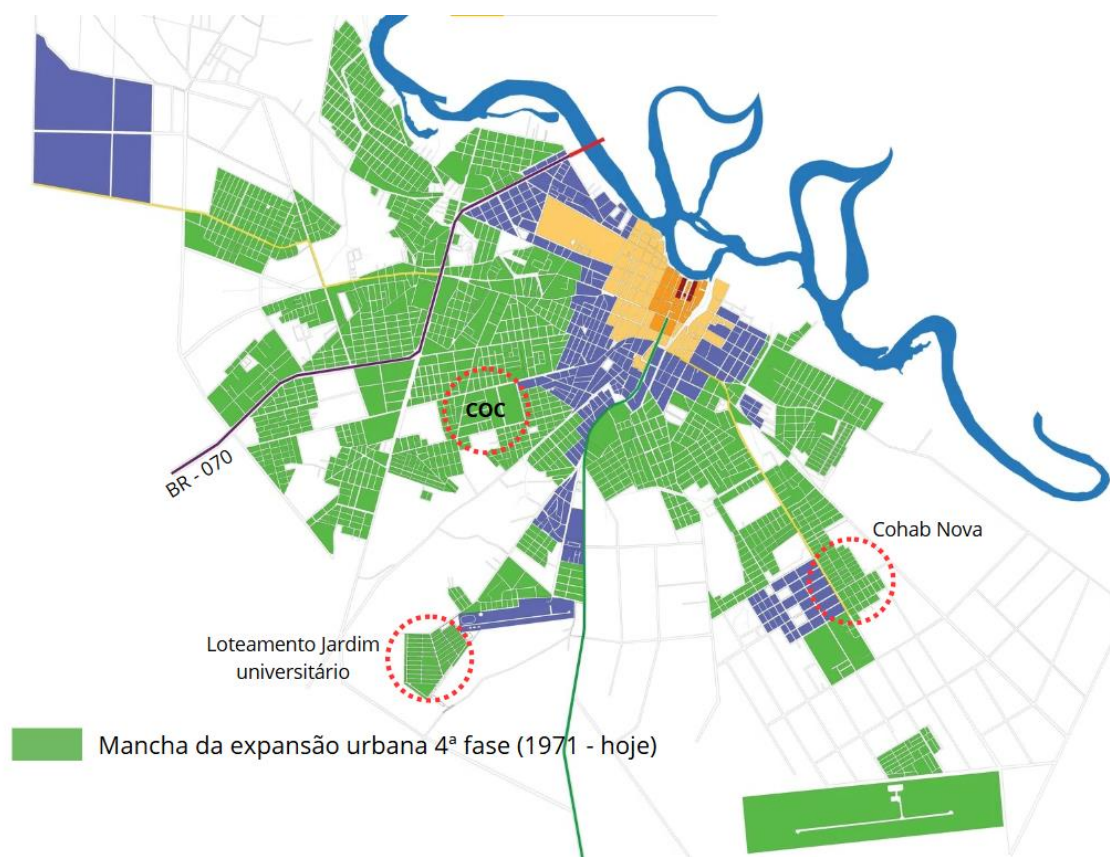
Com a inauguração da pavimentação da BR-070, ligando Cuiabá a Rondônia, observa-se uma nova fase de expansão urbana, especialmente ao sul do município. A presença da rodovia não apenas incentivou a ocupação de vazios urbanos, mas também transformou a BR em um eixo estruturador da cidade, favorecendo o surgimento de novos loteamentos. Paralelamente, foram promovidas ações voltadas à reativação da navegação no rio Paraguai, com a utilização do Terminal Portuário de Cáceres para o escoamento de produtos agrícolas e derivados de petróleo.

A cidade também passou a valorizar suas potencialidades turísticas e culturais. Realizou-se o primeiro painel de turismo, com o objetivo de inventariar sítios históricos e promover o desenvolvimento regional baseado no patrimônio cultural e natural. Com esse propósito, foi construído o Centro Municipal de Cultura. Por fim, merece destaque o esforço coletivo da sociedade local e regional na campanha para a criação de uma Zona de Processamento de Exportação (ZPE), proposta que visava fomentar a industrialização, reforçar a importância estratégica da navegação fluvial e consolidar Cáceres como elo fundamental na ligação entre Mato Grosso e o Oceano Pacífico. (Mendes, 2010)

Assim, essa fase de desenvolvimento de Cáceres é marcada não apenas pela expansão física da malha urbana, mas também pela consolidação de políticas públicas voltadas ao fortalecimento institucional, à habitação social, à qualificação profissional e à infraestrutura, refletindo um momento de modernização e articulação regional em consonância com diretrizes nacionais de planejamento urbano e econômico.

A Figura 10 ilustra como se encontrava o traçado urbano da cidade de Cáceres na quarta fase de expansão urbana.

Figura 12 - Mapa da 4ª fase de expansão urbana



Fonte: Do autor, 2018.

Ao longo dos séculos, Cáceres passou de um pequeno povoado colonial a um centro regional dinâmico, consolidando-se como um polo econômico e educacional na fronteira oeste de Mato Grosso. A cidade manteve suas características históricas enquanto se adaptava às transformações urbanas, refletindo sua importância estratégica e cultural para a região.

2.3. Delimitação dos recortes espaciais e critérios adotados

A análise das regiões morfológicas da cidade de Cáceres, no Mato Grosso, constitui uma etapa fundamental para compreender a dinâmica urbana e suas transformações ao longo do tempo. Partindo das áreas de expansão urbana previamente descritas, a escolha das regiões a serem estudadas obedece a critérios específicos que visam assegurar uma análise comparativa e representativa das características morfológicas do município.

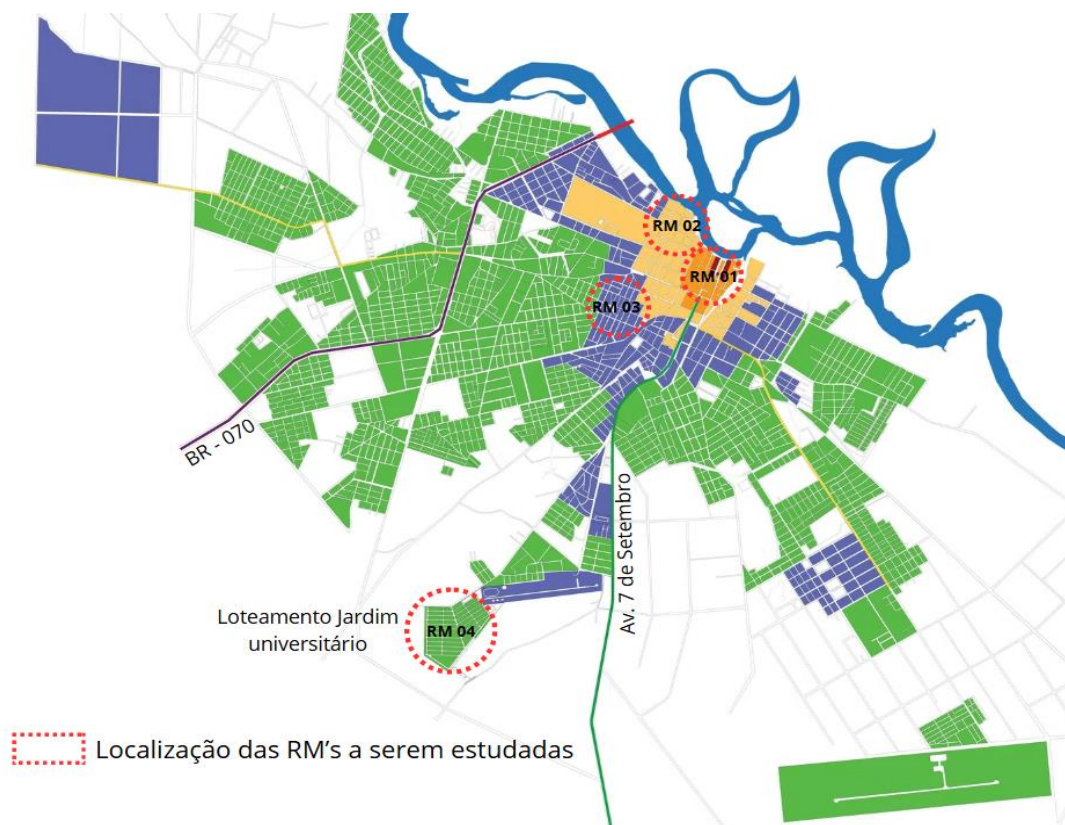
Primeiramente, foram selecionadas uma área de estudo por cada uma das áreas de expansão identificadas, garantindo uma cobertura abrangente das diferentes etapas de crescimento da cidade. Essa estratégia permite analisar as particularidades de cada região em seus contextos específicos, facilitando a compreensão dos processos de urbanização e os fatores que influenciaram sua configuração espacial.

Além disso, a seleção foi orientada por similitudes na organização espacial, levando em consideração aspectos como a tipologia das construções, o uso do solo, a configuração das ruas e a disposição dos espaços públicos. Esses critérios possibilitam identificar padrões de desenvolvimento urbano, bem como diferenças e semelhanças que evidenciam as particularidades de cada região e contribuem para uma análise aprofundada.

Por fim, as áreas escolhidas apresentam a sua implantação compatível com a legislação vigente ao período de sua constituição, de modo a compreender a influência das normativas legais no ordenamento espacial e na conformação morfológica dessas regiões. Essa abordagem permite avaliar até que ponto as políticas urbanas refletiram ou determinaram as características morfológicas observadas, oferecendo subsídios para futuras ações de planejamento urbano.

Desta maneira, a figura 11 informa as regiões morfológicas adotadas para a elaboração do estudo.

Figura 13 - Mapa da localização das RM's selecionadas



Fonte: Do autor, 2025.

A primeira fase de expansão da cidade de Cáceres é marcada pela implantação da sua gênese urbana, estabelecida oficialmente pelo Termo de Fundação de 1778. Nesse período inicial, a configuração espacial da nova vila foi guiada pelas diretrizes de ordenamento urbano vigentes para os núcleos urbanos sob a administração da coroa portuguesa, refletindo as diretrizes do Marquês de Pombal para a organização dos espaços urbanos na época. Como consequência, a região morfológica adotada para análise nesta fase corresponde ao núcleo do centro histórico de Cáceres, conforme ilustrado na figura 12.

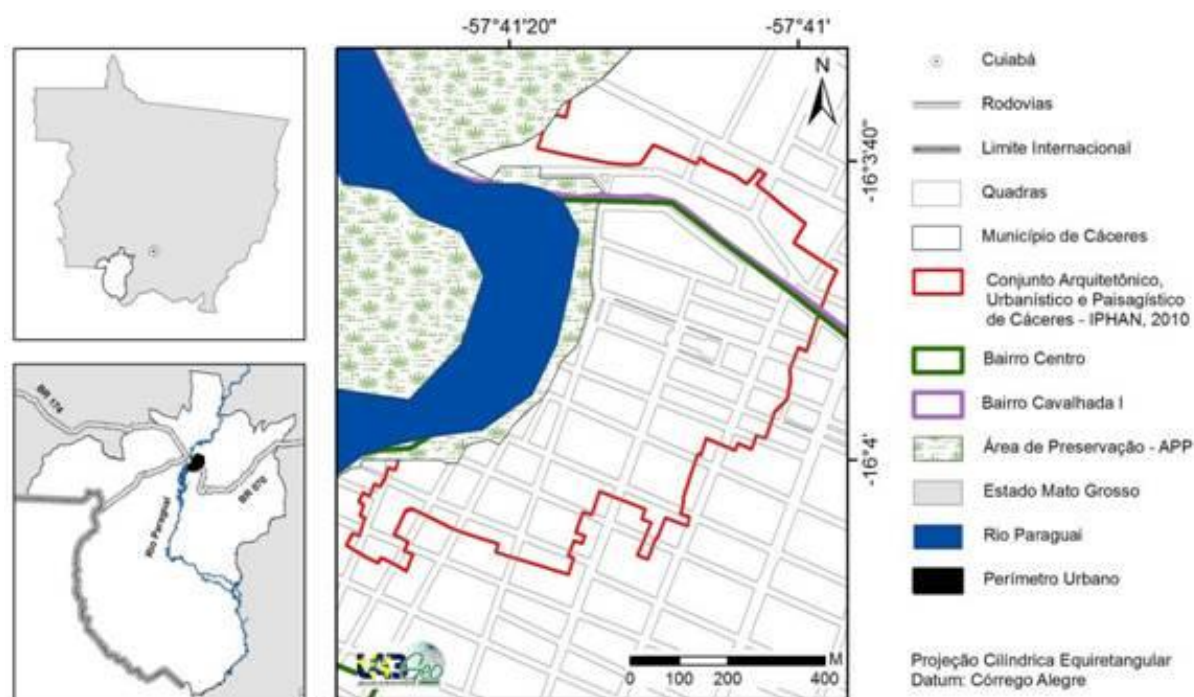
Figura 14 - Região Morfológica Centro Histórico – RM 01

Fonte: Do autor, 2025.

A Região Morfológica Centro Histórico apresenta uma predominância de prédios históricos que representam o legado arquitetônico do período colonial, o traçado viário mantém as características originais da vila, caracterizando ruas estreitas dispostas em um traçado ortogonal, compatível com o traçado original da Vila Maria do Paraguai, e quanto ao uso do solo, observa-se a predominância do uso comercial. Neste contexto, vale a pena ressaltar a importância dessa região como objeto de estudo, tendo em vista que o centro histórico de Cáceres foi tombado em âmbito federal pelo IPHAN em 2012, e o tombamento abrange o seu conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico. (IPHAN, 2014)

A imagem 15 destaca a paisagem associada ao Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico e ao seu entorno, cuja relevância decorre da presença de edificações históricas, notadamente os casarões e a igreja matriz, a Catedral de São Luís de Cáceres. Esses elementos expressam a sobreposição de distintos estilos arquitetônicos, como o Art Déco, o neoclássico, o colonial, o neocolonial e o neogótico, entre outros, evidenciando a diversidade tipológica e a estratificação histórica da forma urbana. (Silva, et al. 2016)

Figura 15 - Delimitação do perímetro de tombamento do Iphan 2012.



Fonte: Silva, et al, 2016.

Os limites desse conjunto foram inicialmente definidos e federalizados de forma provisória em 2010, tendo sua delimitação definitiva sido formalizada em 2012. O conjunto compreende uma área territorial de 475.103,8 m², distribuída entre os bairros Centro e Cavallhada, configurando-se como um núcleo de elevada historicidade e relevância para a compreensão dos processos de formação e transformação da paisagem urbana de Cáceres. (Silva, et al. 2016)

Na segunda fase de expansão de Cáceres, destaca-se a ocupação imediata das áreas situadas ao longo do leito do Rio Paraguai, que funcionou como o principal meio de comunicação e transporte para o núcleo urbano. Essa intervenção ocorreu de forma rápida e direcionada, refletindo a importância do rio na estrutura espacial e na dinâmica de crescimento da cidade.

A região morfológica selecionada para análise nesta fase caracteriza-se como uma zona de transição entre a zona comercial e a área residencial, que ocupa a orla do rio. Essa configuração revela uma transformação no uso e na tipologia das edificações ao longo da orla, evidenciando uma mudança no perfil do espaço urbano. A morfologia da área apresenta uma transição na tipologia das edificações, marcada

pela coexistência de prédios coloniais, que preservam o legado do período colonial, e construções mais modernas provenientes do século XX.

Tal configuração morfológica reflete um processo de transição urbanística e social, no qual as antigas estruturas coloniais convivem com edificações de usos mais recentes, indicando a continuidade de ocupação da orla do rio e a transformação das funções do espaço urbano ao longo do tempo. Essa dinâmica evidencia a importância do rio como eixo de expansão e a evolução do tecido urbano de Cáceres, demonstrando as mudanças na sua estrutura espacial e nas condições de uso das suas áreas lindeiras. Dessa forma, mantendo a cultura de proximidade com o rio. A figura 13 ilustra a localização e abrangência da RM 02.

Figura 16 - Região Morfológica Orla do rio – RM 02



Fonte: Do autor, 2025.

Dentre as regiões morfológicas localizadas na área de expansão da Fase 3, observa-se a região da Cohab Velha, cuja análise se mostra relevante tanto do ponto de vista histórico quanto urbanístico. Implantada em 1971, com financiamento do extinto Banco Nacional da Habitação (BNH), essa área representa um dos primeiros esforços sistemáticos de implementação de habitação social no município.

O BNH operava como um banco de segunda linha, não atuando diretamente junto ao público final. Sua atuação se dava por meio de intermediários institucionais, como as Companhias de Habitação (CoHabs), bancos públicos e privados, além de agentes privados diversos, que acessaram os recursos do sistema para financiar a construção de unidades habitacionais mediante a apresentação de projetos previamente aprovados. Esse modelo conferia ao BNH um papel estratégico na coordenação do financiamento habitacional, ao mesmo tempo em que descentralizava a execução das ações no território. (Paulo Júnior, 2015)

A criação do BNH representou uma inflexão significativa na política habitacional brasileira, sobretudo quando comparada aos modelos anteriores, baseados em caixas de pecúlio e órgãos previdenciários. A centralidade de um banco como gestor da política habitacional permitiu maior capacidade de articulação entre o setor público e o setor privado, cabendo a este último a produção, a distribuição e, em grande medida, o controle das habitações financiadas pelo sistema. Essa estrutura consolidou uma lógica de produção habitacional fortemente vinculada ao mercado da construção civil. (FGV, 2019)

Segundo Bonduki (2006), a estratégia implementada pelo BNH contribuiu de forma decisiva para o fortalecimento do setor da construção civil, uma vez que passou a dispor de uma fonte de financiamento estável e contínua. Contudo, do ponto de vista social, o caráter rígido e centralizado das ações limitou o alcance dos objetivos pretendidos, sobretudo no que se refere à efetiva redução do déficit habitacional e à adequação das soluções propostas às necessidades das populações atendidas.

Na mesma perspectiva, Bonduki (2006) destaca que o período compreendido entre 1964 e 1986 foi o único em que o Brasil contou com uma Política Nacional de Habitação estruturada, capaz de viabilizar, em larga escala, um conjunto articulado de ações no campo habitacional. Esse ciclo se encerra com a extinção do BNH, sendo retomado apenas décadas mais tarde, ainda que sob outras diretrizes e arranjos institucionais, com a criação do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV). Essa trajetória evidencia a importância histórica do BNH na conformação das políticas habitacionais brasileiras e seus reflexos diretos na produção do espaço urbano.

A Cohab Velha foi concebida com um modelo urbano padronizado, caracterizado por lotes uniformes e edificações semelhantes, refletindo as diretrizes técnicas e sociais que orientavam os programas habitacionais da época. No entanto, apesar da característica de padronização que essas habitações sociais possuem, a morfologia atual da região revela um processo contínuo de transformação.

Reformas, ampliações e adaptações realizadas ao longo dos anos pelos próprios moradores resultaram na progressiva descaracterização do uso do solo e das edificações originais. Essa dinâmica evidencia a atuação direta dos agentes sociais na modificação do espaço urbano, rompendo com o modelo homogêneo planejado e revelando a capacidade adaptativa das populações frente às limitações impostas pelos projetos habitacionais formais.

A análise da Cohab Velha, portanto, permite compreender como os padrões impostos por políticas públicas de habitação são, com o tempo, ressignificados pela prática cotidiana dos habitantes. Além disso, seu caráter pioneiro como um dos primeiros loteamentos de habitação social do município confere-lhe valor histórico significativo, justificando sua escolha como objeto de estudo neste trabalho.

A investigação dessa região poderá contribuir para o entendimento das dinâmicas morfológicas que ocorrem em áreas urbanas planejadas sob diretrizes normativas rígidas, mas que, ao longo do tempo, sofrem modificações a partir das necessidades e ações dos moradores. A figura 14 ilustra a localização e abrangência da RM 03.

Figura 17 - Região Morfológica Cohab Velha

Fonte: Do autor, 2025.

A extinção do Banco Nacional da Habitação (BNH), em 1986, deixou um vazio institucional significativo no campo das políticas urbanas e habitacionais no Brasil. A ausência de uma estrutura federal capaz de coordenar investimentos e diretrizes para o setor habitacional resultou em um período prolongado de descontinuidade das políticas públicas, marcado pela fragmentação das iniciativas e pela redução do protagonismo do Estado na condução da política urbana. Esse cenário perdurou até 2003, quando foi criado o Ministério das Cidades, marco fundamental para a retomada de uma agenda nacional voltada ao planejamento urbano e à habitação.

Ao longo da década de 2000, uma série de acontecimentos relacionados ao processo de reforma urbana contribuiu para a construção de uma nova política habitacional no país. Destaca-se, nesse período, a implementação de uma política econômica favorável à ampliação do capital financeiro, tanto nacional quanto internacional, paralelamente à criação de programas sociais direcionados às camadas mais pobres da população. Essa combinação de fatores criou as condições institucionais e econômicas para a retomada da produção habitacional em larga

escala, ainda que fortemente articulada às dinâmicas do mercado imobiliário. (Pacheco e Araújo, 2017)

Nesse contexto, em 2009, foi lançado o Programa Minha Casa, Minha Vida, cujo objetivo central era a construção de unidades habitacionais por meio da atuação do setor privado, tendo a Caixa Econômica Federal como principal instituição gestora das fontes de financiamento do programa. O PMCMV consolidou um modelo de produção habitacional no qual o Estado assume o papel de financiador e regulador, enquanto a iniciativa privada se responsabiliza pela execução dos empreendimentos, reproduzindo, sob novas bases, a lógica de articulação público-privada já observada no período do BNH. (Cardoso e Jaenisch, 2017)

Neste contexto, a região morfológica selecionada para representar a quarta fase de expansão urbana do município de Cáceres é o Jardim Universitário, área que exemplifica uma das mais recentes frentes de crescimento da cidade concebidas nos moldes do Programa Minha Casa, Minha Vida. Essa expansão está diretamente associada à implantação da nova sede da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), instalada no local anteriormente ocupado pelo antigo aeroporto municipal.

A presença da universidade no território atuou como um vetor de desenvolvimento urbano, impulsionando a criação de novos loteamentos no entorno e inaugurando uma nova dinâmica de ocupação do solo, motivada, principalmente, pela crescente demanda por moradias vinculadas à comunidade acadêmica.

O Jardim Universitário caracteriza-se por apresentar um padrão urbanístico dos conjuntos habitacionais de interesse social, tanto em relação ao traçado das vias quanto à regularidade das parcelas e ao tipo de uso e ocupação do solo. Essa configuração segue diretrizes técnicas voltadas à otimização do espaço e ao atendimento de demandas habitacionais específicas, vinculadas a programas públicos de urbanização e a empreendimentos de baixo custo.

A homogeneidade espacial observada no bairro reflete essas orientações, evidenciando um modelo de expansão direcionado que se diferencia das fases anteriores pela influência direta de um equipamento institucional de grande porte, a universidade, como elemento estruturador do território.

De acordo com as análises de Moreira, Silveira e Euclides (2017), o PMCMV configurou-se como a principal iniciativa do governo federal para enfrentar o elevado déficit habitacional brasileiro. Apesar desses resultados quantitativos, a literatura aponta uma série de problemas associados à execução do PMCMV.

Cardoso e Jaenisch (2017) destacam a baixa qualidade arquitetônica e técnica de parte significativa dos empreendimentos, bem como a padronização e a homogeneização excessivas das unidades habitacionais, frequentemente em desrespeito às características regionais e às especificidades locais. Esses aspectos comprometem não apenas a qualidade do ambiente construído, mas também a adequação das moradias às necessidades sociais e culturais das populações atendidas.

Pacheco e Araújo (2017), ressaltam a recorrente implantação de grandes conjuntos habitacionais, com cerca de 2.000 unidades padronizadas, sem a devida consideração dos princípios de participação popular e controle social que deveriam orientar o desenvolvimento do programa. Ademais, os autores apontam que os terrenos destinados à construção dessas unidades localizam-se, em sua maioria, em áreas periféricas, onde o custo da terra é mais baixo, evidenciando a primazia dos interesses privados das grandes construtoras na maximização da lucratividade.

A opção por áreas afastadas do tecido urbano consolidado resulta em dificuldades de acessibilidade, oferta precária de infraestrutura e aumento do custo social para os moradores, que passam a arcar com maiores despesas e limitações no acesso a serviços e oportunidades urbanas. (Pacheco e Araújo, 2017)

A análise desta região permite compreender os efeitos da implantação de equipamentos públicos na configuração urbana, bem como os desdobramentos territoriais provocados por processos recentes de urbanização. O Jardim Universitário, portanto, representa não apenas uma continuidade no processo de expansão da malha urbana, mas também um exemplo claro de como agentes institucionais podem atuar como catalisadores da ocupação e organização do espaço urbano contemporâneo. A figura 15 ilustra a localização e abrangência da RM 04.

Figura 18 - Região Morfológica - Jardim Universitário



Fonte: Do autor, 2025.

A tabela 2 reforça a compreensão da expansão urbana de Cáceres como um processo descontínuo, com fases bem definidas em termos de morfologia urbana, conectadas às transformações socioespaciais e políticas públicas específicas de cada período

Tabela 2 -Tabela de síntese das áreas de estudo

Região Morfológica	Área de Expansão Urbana	Período Histórico	Características Morfológicas Principais
Centro Histórico	Fase 01	Colonial/ Imperial (1778-1860)	Traçado ortogonal planejado, ruas estreitas, uso comercial predominante, edificações com características coloniais, o rio como protagonista da composição urbana e paisagística em decorrência da economia e transporte. a igreja matriz se abre para o rio

Orla do Rio	Fase 02	Imperial/ República (1861 - 1960)	Transição entre áreas comerciais e residenciais, coexistência de tipologias coloniais e modernas, traçado regular adaptado à margem fluvial.
Cohab Velha	Fase 03	República (década de 1970)	Loteamento padronizado de habitação social, tipologia uniforme, descaracterização progressiva por reformas e ampliações.
Jardim Universitário	Fase 04	Contemporâneo (pós-1990)	Expansão planejada associada à UNEMAT, homogeneidade de uso residencial, padrão técnico de ocupação, influência de equipamento institucional.

Fonte: Do autor, 2025.

Assim, a seleção criteriosa dessas regiões morfológicas, fundamentada em critérios de similaridade espacial e legalidade, contribuirá para uma análise robusta do processo de expansão urbana em Cáceres, possibilitando compreender sua evolução e subsidiando estratégias de gestão e desenvolvimento sustentável da cidade.



Análises Morfológicas

CAPÍTULO 3 – ANÁLISES MORFOLÓGICAS.

3.1. Introdução a Análise Morfológica

Este capítulo tem como objetivo aplicar a metodologia de análise tripartida proposta por Conzen às regiões morfológicas que são as áreas de estudo apresentadas no capítulo 2 deste trabalho. A análise será fundamentada na leitura integrada do plano urbano, do sistema de parcelas e da edificação, com vistas à identificação de padrões espaciais e à compreensão dos processos de transformação morfológica da cidade de Cáceres–MT. A abordagem adotada permite reconhecer a lógica interna da forma urbana, bem como suas permanências e rupturas ao longo do tempo, contribuindo para uma interpretação histórica e espacialmente fundamentada da estrutura urbana.

De acordo com Conzen (1969), o plano urbano, o tecido edificado e a utilização do solo constituem componentes intrinsecamente interdependentes da paisagem urbana, sendo sua análise em separado uma estratégia analítica baseada em ênfases distintas, e não uma divisão sistemática e rigidamente compartimentada. Ainda assim, o autor atribui primazia ao plano da cidade, na medida em que este conforma a estrutura básica sobre a qual os demais elementos construídos se organizam. Nesse sentido, o plano urbano estabelece a articulação física entre o tecido edificado e os usos do solo, ao mesmo tempo em que os conecta ao sítio natural e à historicidade do processo de formação da cidade, configurando-se como elemento central para a compreensão da morfologia urbana

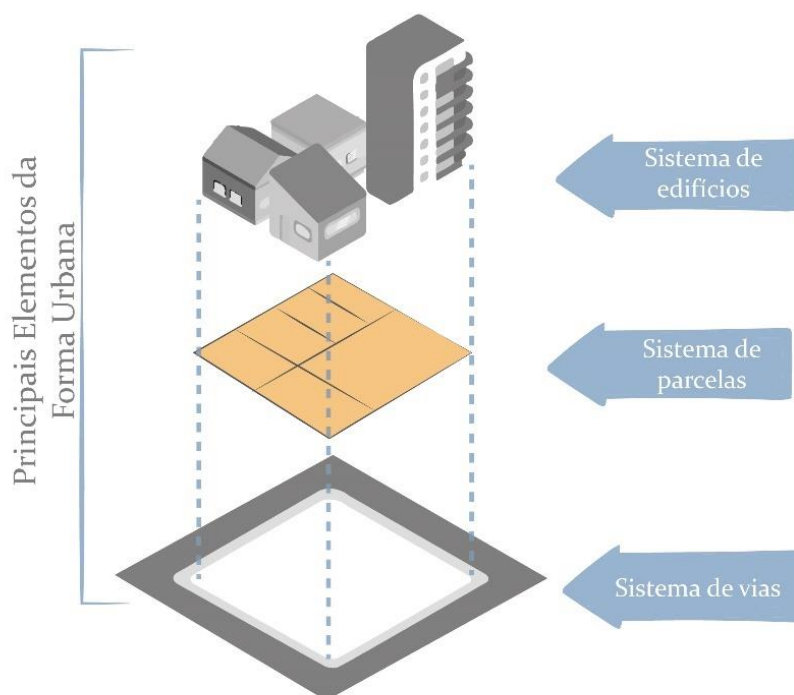
Para Conzen (1969), grande parte dos estudos tradicionais sobre planos urbanos restringiu-se, historicamente, à análise das ruas e dos espaços viários, abordagem fortemente influenciada por uma perspectiva arquitetônica centrada no contraste entre “cheios” e “vazios” e em suas implicações estéticas. Nesse contexto, a estrutura interna dos bairros foi, em geral, negligenciada, como se não possuísse relevância geográfica para a compreensão da paisagem urbana.

Além disso, a adoção de uma abordagem evolucionária excessivamente simplificada levou muitos estudos a privilegiarem apenas as grandes fases de

crescimento urbano, desconsiderando uma ampla gama de fenômenos intermediários, bem como as transformações significativas ocorridas no interior dos quarteirões já consolidados. Tal limitação é particularmente evidente nos tecidos tradicionais localizados nas áreas centrais das cidades, onde mudanças modernas frequentemente se sobrepõem a componentes do plano urbano previamente estabelecido (Conzen, 1969).

Esse entendimento abrange a disposição geográfica da área urbana construída em toda a sua diversidade e em seus detalhes morfológicos, estabelecendo uma relação estreita entre o plano urbano, o tecido edificado e os usos do solo. Nessa perspectiva, o plano de cidade pode ser definido como a configuração topográfica da área urbana, considerando o conjunto de características materializadas pela ação humana. Tal plano é constituído por três complexos fundamentais de elementos: (i) o sistema viário, compreendendo as ruas e sua organização em rede; (ii) o parcelamento do solo, expresso pelas parcelas e sua articulação em quarteirões; e (iii) as edificações, mais especificamente as plantas de implantação dos edifícios, que materializam a ocupação do espaço urbano (Conzen, 1969)

Figura 19 - Esquema dos elementos da forma urbana



De acordo com Pereira (2012), o método de análise morfológica assume um conjunto de classificações de caráter instrumental, fundamentais para a compreensão da estrutura urbana. Em termos de escala, essa estrutura é composta essencialmente por três elementos: o traçado viário, o lote e o edifício. Contudo, um estudo morfológico não se restringe à descrição isolada desses componentes, sendo considerado efetivo apenas quando investiga as relações de interdependência que se estabelecem entre eles, uma vez que é dessa articulação que emerge a forma urbana enquanto sistema.

A partir dessa leitura integrada, a análise morfológica incorpora outros fatores que condicionam e orientam a produção do espaço urbano, tais como os regulamentos construtivos, as técnicas de construção disponíveis em determinado período histórico e a cultura técnica e profissional de arquitetos, engenheiros, construtores e artesãos. Esses elementos atuam como mediadores entre os princípios normativos, os saberes técnicos e a materialização das formas edificadas, influenciando diretamente a configuração do tecido urbano. (Pereira, 2012)

Nesse sentido, o método permite esclarecer a permanência e a recorrência de determinadas formas ao longo do tempo, atribuindo ao conceito de tipo um papel instrumental ampliado. O tipo deixa de ser compreendido apenas como uma categoria formal, passando a indicar a origem histórica dos edifícios e suas relações estruturais com o traçado viário e o parcelamento do solo. Assim, o tipo arquitetônico torna-se um elemento-chave para a leitura da “armação histórica” da cidade, possibilitando a identificação dos processos formativos que estruturam a paisagem urbana e sustentam a sua evolução morfológica. (Pereira, 2012)

3.2. Análise do Plano Urbano - Sistemas de vias e Quadras

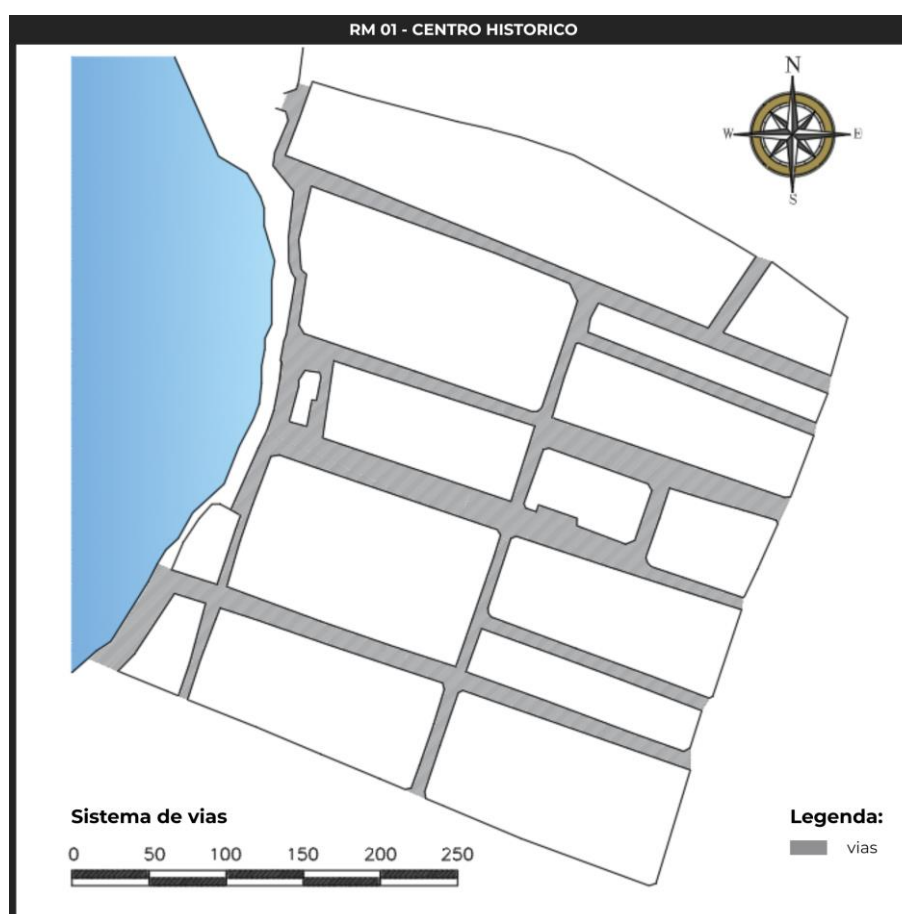
Desta forma a primeira análise a ser realizada é quanto ao sistema de vias e quadras que correspondem ao estudo do Plano urbano, sendo ele constituído pelos elementos estruturadores da forma da cidade, nisto pode ser citado o traçado urbano, a disposição geral das quadras e espaços públicos.

No caso da Região Morfológica 01 (RM01) corresponde ao núcleo embrionário da cidade de Cáceres-MT, delimitado a partir do primeiro traçado urbano estabelecido

pela Coroa Portuguesa no contexto da política de fundação de vilas coloniais do século XVIII e de seu desenvolvimento imediato. A implantação desse traçado teve como principal referência o rio Paraguai, elemento estruturador fundamental da ocupação territorial, a partir do qual se definiram a praça principal e a igreja matriz, conformando o eixo organizador do espaço urbano inicial. Essa relação direta entre o núcleo urbano e o rio evidencia a importância estratégica, funcional e simbólica do curso d'água na gênese e consolidação da cidade.

No que se refere ao sistema viário, observa-se na RM01 (Figura 20) a predominância de um traçado ortogonal composto por ruas estreitas, coerente com os padrões urbanísticos característicos do período colonial português. Esse traçado, notadamente regular, mantém-se preservado até os dias atuais, constituindo um dos principais elementos de permanência morfológica da região.

Figura 20 - Sistema de vias RM 01



Fonte: Do Autor, 2025

Na Tabela 3 observa-se que uma parcela significativa do sistema viário é pavimentada com bloquetes hexagonais, materiais que embora não sejam os originais de pedras, reforçam a leitura histórica do espaço urbano, contribui para a identificação visual e funcional do núcleo antigo da cidade. Todavia, verifica-se também a presença de intervenções na paisagem histórica, decorrentes da introdução de outros tipos de pavimentação, as quais alteram parcialmente a ambiência e a integridade morfológica desse setor urbano, evidenciando processos de transformação e adaptação contemporâneos.

Tabela 3 - Tabela de sistema de vias RM 01

<p>Rua João Pessoa, Centro histórico de Cáceres, localizada ao lado da Praça Barão do Rio Branco, cuja a pavimentação é constituída por boquetes</p>	
<p>Rua da Manga, Centro Histórico de Cáceres, via estreita e com pavimentação constituída por boquetes</p>	
<p>Rua Coronel José Dulce, Centro Histórico de Cáceres, via constituída por pavimentação asfáltica</p>	
<p>Rua Comandante Balduino, Centro Histórico de Cáceres, via constituída por pavimentação asfáltica</p>	

Fonte: Street View, 2026

O sistema de quadras da RM 01 é marcado pela presença de extensas quadras de forma predominantemente retangular, interpretadas, a partir dos levantamentos morfológicos realizados, como remanescentes diretos das primeiras quadras implantadas no sítio urbano. A disposição dessas quadras acompanha majoritariamente o eixo norte-sul, paralela às margens do rio Paraguai, reforçando a forte articulação entre a estrutura urbana e o elemento natural. A análise dessas quadras teve como objetivo identificar características típicas das quadras e lotes coloniais, permitindo a sistematização de tipologias associadas à tradição urbanística portuguesa e à evolução histórica do território urbano de Cáceres.

Segundo Teixeira (2012), o urbanismo de matriz portuguesa apresenta três tipologias recorrentes de quarteirões e lotes, associadas a distintos momentos históricos e lógicas de organização espacial. A primeira tipologia, vinculada às cidades medievais dos séculos XIII e XIV, caracteriza-se por quarteirões estreitos e alongados, formados por lotes paralelos e estruturados a partir de uma hierarquia viária clara, a segunda tipologia apresenta maior regularidade formal e proporções mais equilibradas, sendo composta por duas fileiras de lotes justapostos e articulada por um sistema viário com ruas frontais e transversais, o que resulta em uma organização espacial mais ordenada. A terceira tipologia, difundida a partir do final do século XVI, distingue-se pela ocupação das quatro faces do quarteirão, promovendo maior adensamento urbano. Nessa configuração, observa-se frequentemente o fechamento do interior da quadra e o fortalecimento da hierarquia urbana a partir da relação entre traçado viário, funções e perfil edificatório, incluindo, em alguns casos, a consolidação de edificações de esquina.

Desta forma, foi possível identificar as influências portuguesas na configuração das quadras e dos lotes da RM01. O primeiro tipo, associado às cidades medievais planejadas entre os séculos XIII e XIV, caracteriza-se por quarteirões longos e estreitos, com lotes dispostos paralelamente e organizados segundo uma hierarquia viária marcada pelas chamadas “ruas de cima” e “ruas de baixo”. Essa tipologia apresenta correspondências significativas com o padrão identificado em parte da RM01.

Já a região morfológica 02 configura-se como a área de ocupação urbana secundária da cidade de Cáceres-MT, desenvolvida em continuidade espacial ao

núcleo histórico, em direção ao sul, ainda mantendo relação direta com o rio Paraguai. Seu processo de ocupação tem início no século XIX, período em que a cidade passa por uma ampliação gradual do tecido urbano, impulsionada por novas dinâmicas econômicas, demográficas e funcionais. Diferentemente da RM01, marcada pela implantação fundacional setecentista, a RM02 expressa uma etapa intermediária de consolidação urbana, na qual se observam tanto permanências morfológicas quanto indícios de transição para novos padrões urbanísticos.

No sistema de vias, a RM02 (Figura 21) ainda preserva a presença de ruas estreitas, dispostas majoritariamente em paralelo, acompanhando as nuances e sinuosidades do leito do rio Paraguai. Essa adaptação do traçado viário ao curso do rio reforça a continuidade da relação histórica da cidade com o elemento natural, ao mesmo tempo em que evidencia uma menor rigidez geométrica em comparação ao traçado ortogonal mais regular identificado no núcleo inicial. A malha viária, portanto, revela um caráter de adaptação progressiva ao sítio, compatível com uma expansão urbana realizada de forma incremental ao longo do século XIX.

O sistema de quadras da RM02 é composto por grandes quarteirões que se enquadram na tipologia 3, descrita por Manoel C. Teixeira (2012). Esse terceiro tipo de quarteirão, desenvolvido a partir do final do século XVI, caracteriza-se pela disposição de lotes voltados para as quatro faces do quarteirão, visando uma maior densidade de ocupação do solo urbano. Trata-se de uma estrutura que tende a configurar quarteirões com interior fechado, nos quais a hierarquia das ruas não é definida apenas pela largura ou alinhamento das vias, mas também pelo perfil arquitetônico das edificações, pelas funções exercidas e pela relação com outros elementos da arquitetura urbana.

A constituição da região morfológica 02 em Cáceres pode ser compreendida à luz da atuação dos Códigos de Postura como instrumentos normativos que orientaram e condicionaram a produção do espaço urbano no século XIX. Nesse sentido, mais do que dispositivos administrativos, tais códigos operaram como agentes diretos na conformação da paisagem urbana, influenciando o traçado viário, o parcelamento do solo e os padrões de ocupação.

Conforme discutido, os Códigos de Postura, institucionalizados desde o período colonial e consolidados no Império, materializavam a busca por uma cidade disciplinada e higienizada (Oliveira, 2005). Em Vila Maria do Paraguai, o Código de Postura de 1860 insere-se nesse contexto como um instrumento articulado às diretrizes do governo provincial, regulando não apenas condutas sociais, mas também a organização espacial da cidade (Castrillon, 2006).

Figura 21 - Sistema de vias RM 02



Fonte: Do Autor, 2025

Nessa tipologia, é recorrente o surgimento de edificações de esquina, com fachadas voltadas simultaneamente para duas vias, contribuindo para uma leitura mais complexa da hierarquia urbana e para a valorização dos cruzamentos viários. Na RM 02, essa lógica se materializa na elevada subdivisão das quadras, resultando em uma grande quantidade de lotes dispostos em um único quarteirão. O uso intensivo das parcelas evidencia uma estratégia de maximização da ocupação do

solo, distinta da lógica mais linear e hierarquizada observada na RM 01, mas ainda vinculada a princípios da tradição urbanística de matriz portuguesa.

Tabela 4 - Tabela de sistema de vias RM 02

<p>Rua Dr Sabino Vieira, localizada em paralelo a orla do rio Paraguai. Marcada pela presença dos boquetes e prédios históricos.</p>	
<p>Rua Bom Jardim, apresenta a presença dos boquetes e edificações contemporâneas.</p>	
<p>Rua Voluntários da Pátria, também apresenta a presença dos boquetes e edificações contemporâneas ao lado de prédios históricos, evidenciando a sobreposição das camadas dos períodos históricos.</p>	
<p>Rua Dr Sabino Vieira, apresenta a presença dos boquetes e edificações contemporâneas.</p>	

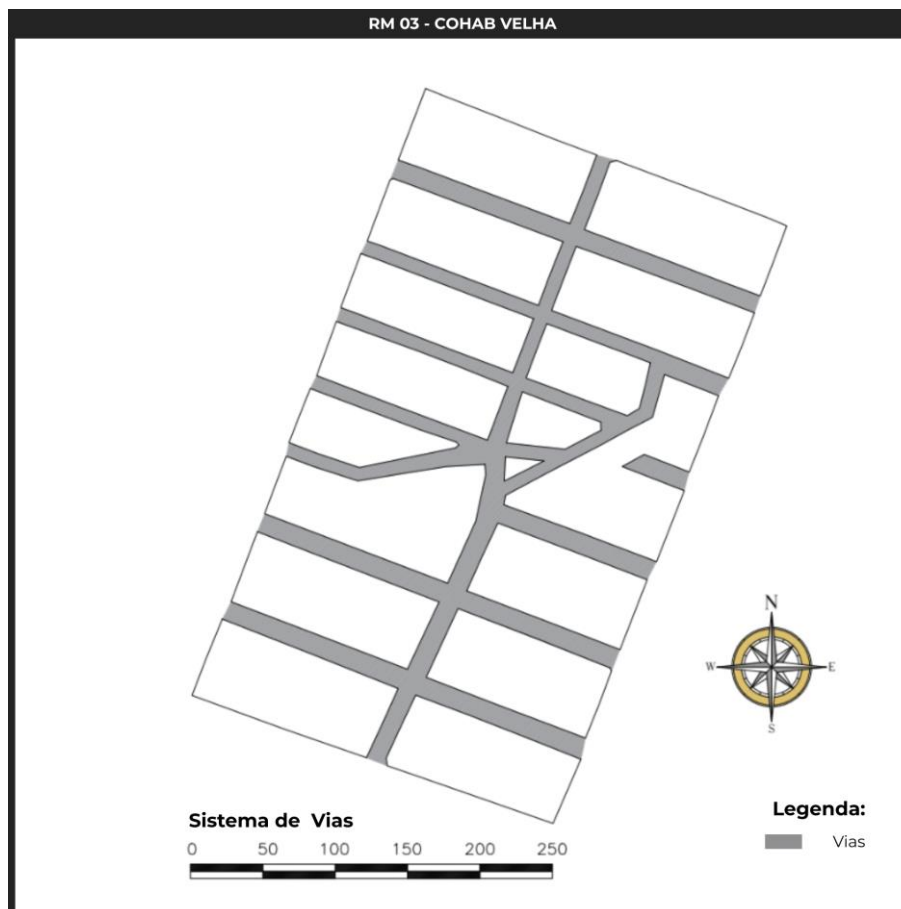
Na tabela 4 observa-se a predominância de vias de traçado estreito, pavimentadas majoritariamente com boquetes, bem como a presença de edificações que constituem marcos do contexto histórico da região. Esses elementos coexistem com construções que expressam processos de transformação e adaptação da paisagem urbana, evidenciando a transição entre distintos períodos históricos e morfológicos.

A Região Morfológica 03 é resultado direto de um conjunto de intervenções urbanas realizadas em Cáceres a partir da década de 1970, associadas às políticas habitacionais financiadas pelo extinto Banco Nacional da Habitação (BNH). Essa região corresponde a um dos primeiros esforços sistemáticos de implantação de habitação social no município, materializados sobretudo no conjunto conhecido como Cohab Velha. Sua conformação urbana reflete de maneira explícita as diretrizes técnicas, econômicas e sociais que orientaram os programas habitacionais do período, baseadas na padronização construtiva, na racionalização do uso do solo e na produção em larga escala de unidades residenciais.

O sistema de vias da RM03 (Figura 22) caracteriza-se por um traçado predominantemente ortogonal, com ruas mais largas quando comparadas às das regiões morfológicas anteriores. Essa ampliação da seção viária está associada à incorporação dos princípios do urbanismo moderno e à necessidade de adequação da cidade à crescente popularização do uso de veículos automotores, fenômeno marcante do período histórico em questão. A hierarquia viária torna-se mais legível, com maior regularidade geométrica e melhor capacidade de circulação, evidenciando uma ruptura em relação aos padrões viários estreitos e adaptados ao pedestre predominantes nas áreas históricas.

No sistema de quadras, observa-se a implantação de quadras retangulares dispostas de forma padronizada no tecido urbano, reforçando o caráter racional e repetitivo do projeto. Essa regularidade formal resulta de um planejamento previamente definido, no qual a eficiência da implantação e a facilidade de parcelamento do solo se sobrepõem a adaptações mais sensíveis ao sítio ou à topografia. As quadras assumem papel funcional na organização do conjunto habitacional, contribuindo para a leitura homogênea e pouco diversa da paisagem urbana original da RM 03.





Figura 22 - Sistema de vias RM 03



Fonte: Do Autor, 2025

Com base na análise do plano urbano apresentado, a tabela 5 sintetiza os principais atributos morfológicos identificados na Região Morfológica 03. A partir desses dados, é possível observar a predominância de vias pavimentadas, evidenciando um contraste significativo em relação às regiões morfológicas anteriores, bem como a presença de edificações características dos conjuntos habitacionais promovidos pelas Cohabs. Entretanto, verifica-se que grande parte desse tecido edificado se encontra em processo de transformação, em decorrência das adaptações e ampliações realizadas pelos moradores, o que indica a progressiva descaracterização do padrão arquitetônico original.

Tabela 5 - Tabela de sistema de vias RM 03

<p>Rua dos Campos, composta por via pavimentada, ladeada por residências e a praça.</p>	
<p>Rua das Esmeraldas, composta por via pavimentada.</p>	
<p>Rua dos Opalas, composta por via pavimentada.</p>	
<p>Rua dos Albuquerque, composta por via pavimentada.</p>	

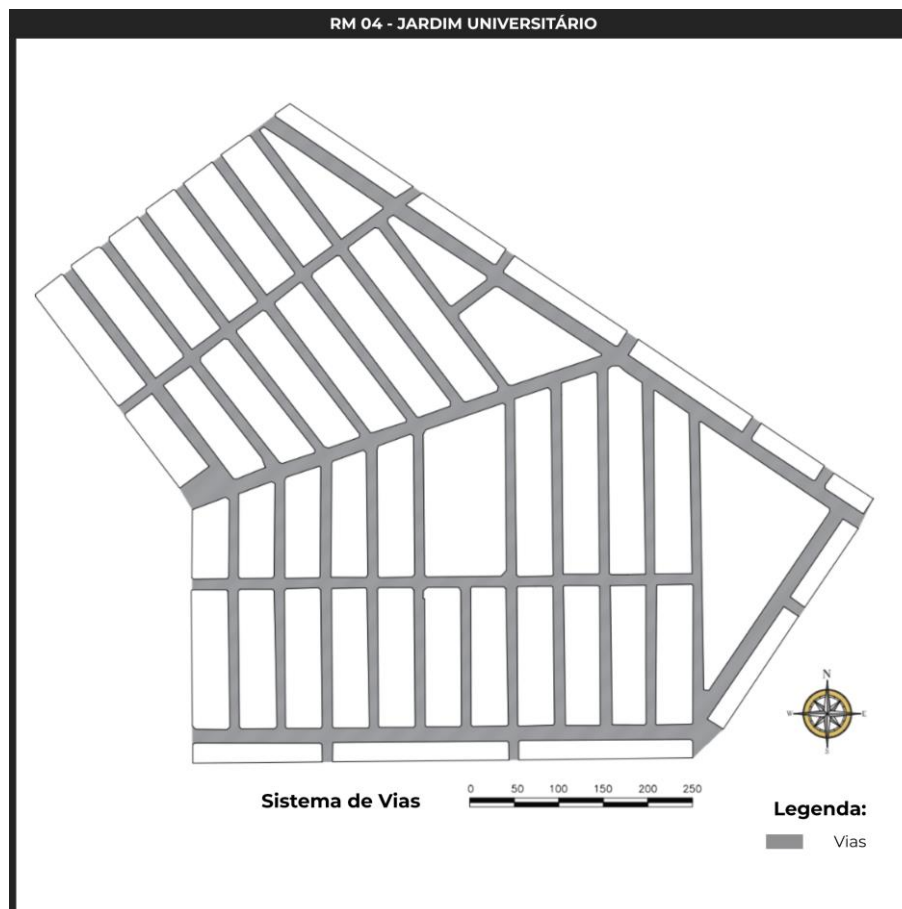
Fonte: Google Maps, Street View, 2026

A Região Morfológica 04 configura-se como uma área de expansão urbana recente da cidade de Cáceres-MT, diretamente associada ao reposicionamento da nova sede da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) para a área anteriormente ocupada pelo antigo aeroporto municipal. Esse deslocamento de um equipamento urbano de grande porte atuou como vetor indutor da urbanização, desencadeando a ocupação de um setor periférico e afastado do centro urbano consolidado. A RM04 expressa, portanto, uma etapa contemporânea do crescimento da cidade, fortemente vinculada às políticas habitacionais recentes e às dinâmicas de expansão horizontal do tecido urbano.

Do ponto de vista do planejamento urbano, a RM 04 apresenta características típicas das novas modalidades de habitação social implantadas no âmbito do programa federal Minha Casa, Minha Vida (MCMV). A área foi concebida a partir de projetos padronizados, nos quais a racionalização do solo urbano e a maximização do número de unidades habitacionais constituem princípios centrais. A localização periférica do empreendimento reforça um padrão recorrente nas políticas habitacionais contemporâneas, no qual grandes conjuntos residenciais são implantados em áreas distantes do núcleo histórico, contribuindo para a ampliação do perímetro urbano e para a intensificação dos processos de segregação socioespacial.

No sistema de vias da RM 04 (Figura 23) observa-se a adoção de um traçado ortogonal rigorosamente padronizado, com hierarquização clara das vias de circulação. Identificam-se vias locais, responsáveis pelo acesso direto às unidades habitacionais, e vias coletoras, cuja função é distribuir o tráfego proveniente das vias arteriais para as ruas internas do conjunto. Essa organização reflete princípios do urbanismo funcionalista, priorizando a eficiência da circulação e a clareza da hierarquia viária. Nota-se, ainda, a padronização das larguras das vias, o que reforça a homogeneidade espacial e a repetição formal do tecido urbano da RM 04.





Figura 23 - Sistema de vias RM 04



Fonte: Do Autor, 2025

O sistema de quadras revela uma forte regularidade geométrica, com predominância de quadras retangulares que apresentam, em média, dimensões aproximadas de 160 x 40 metros, podendo o comprimento variar conforme o desenho específico de cada quadra. Essa configuração evidencia a aplicação de modelos pré-definidos de parcelamento, nos quais a forma da quadra é diretamente subordinada à lógica de otimização do número de lotes e à repetição de módulos espaciais. O resultado é um tecido urbano homogêneo, com baixa diversidade morfológica e reduzida adaptação às especificidades do sítio.

Tabela 6 - Tabela de sistema de vias RM 04

<p>Avenida dos Estudantes, composta por via pavimentada.</p>	
<p>Rua do Direito, composta por via pavimentada.</p>	
<p>Rua da Farmácia, composta por via pavimentada.</p>	
<p>Rua da Engenharia Civil, composta por via pavimentada.</p>	

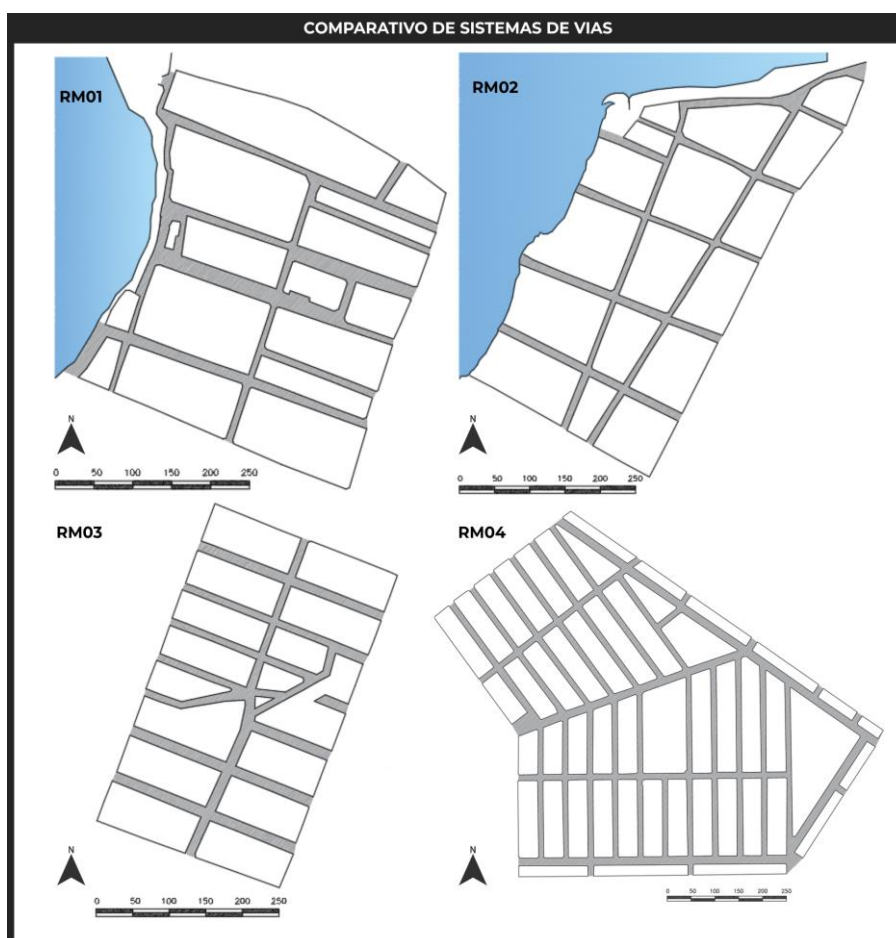
Fonte: Google Maps, Street View, 2026

A tabela 6 sintetiza os principais elementos constituintes da paisagem urbana da Região Morfológica 04. Observa-se a predominância de um padrão urbano, tanto no sistema viário quanto nos demais elementos que conformam o loteamento.

Destaca-se a presença de vias pavimentadas associadas a calçadas mais largas, características compatíveis com diretrizes do planejamento urbano contemporâneo e com os parâmetros adotados nos empreendimentos de habitação social mais recentes.

É igualmente perceptível o início de um processo de transformação da paisagem morfológica, evidenciado pela progressiva descaracterização das tipologias habitacionais originais. As intervenções realizadas pelos moradores, por meio de ampliações e adaptações das edificações, indicam a emergência de novas configurações espaciais, muitas das quais ainda se apresentam em condições construtivas precárias. Tal dinâmica revela a transição da homogeneidade formal inicial para um tecido urbano em processo de diferenciação morfológica, ainda em estágio incipiente quando comparado a regiões morfológicas mais antigas do município. Com base no exposto acima, é possível sintetizar as análises morfológicas de acordo com a Figura 24.

Figura 24 - Comparativo de sistemas de vias



Fonte: Do Autor, 2025

A imagem acima, esquematiza a análise comparativa das regiões morfológicas dos sistemas de vias e quadras. Sendo possível observar as divergências do tecido urbano e suas descontinuidades, tendo em vista que cada plano corresponde ao período de implantação de cada área.

De modo geral, no caso de Cáceres–MT, o plano urbano revela a coexistência de traçados distintos, resultantes de processos históricos e condicionantes naturais específicos, como a relação direta com o Rio Paraguai e a Baía de Cáceres. O núcleo embrionário, de origem setecentista, caracteriza-se por um traçado mais regular e contido, associado à função estratégica e administrativa da cidade em sua fase inicial. Esse traçado inicial evidencia a adoção de formas relativamente ortogonais, ainda que adaptadas às condições topográficas e hidrográficas locais.

As fases posteriores de expansão urbana apresentam maior diversidade morfológica. Observa-se a abertura de novas vias acompanhando o eixo do rio, predominantemente no sentido norte–sul, configurando um traçado mais orgânico e menos rígido do que o núcleo original. Esse padrão reflete tanto a adaptação às condicionantes naturais quanto a intensificação das atividades econômicas vinculadas à navegação e ao comércio fluvial.

Ao longo do tempo, a incorporação de novos bairros e loteamentos introduziu traçados mais regulares e padronizados, especialmente nas áreas de expansão recente, associados a práticas contemporâneas de parcelamento do solo e à atuação do mercado imobiliário. Dessa forma, o plano urbano de Cáceres expressa uma sobreposição de lógicas espaciais, permitindo a identificação de diferentes períodos de crescimento urbano e a delimitação de regiões morfológicas com características próprias.

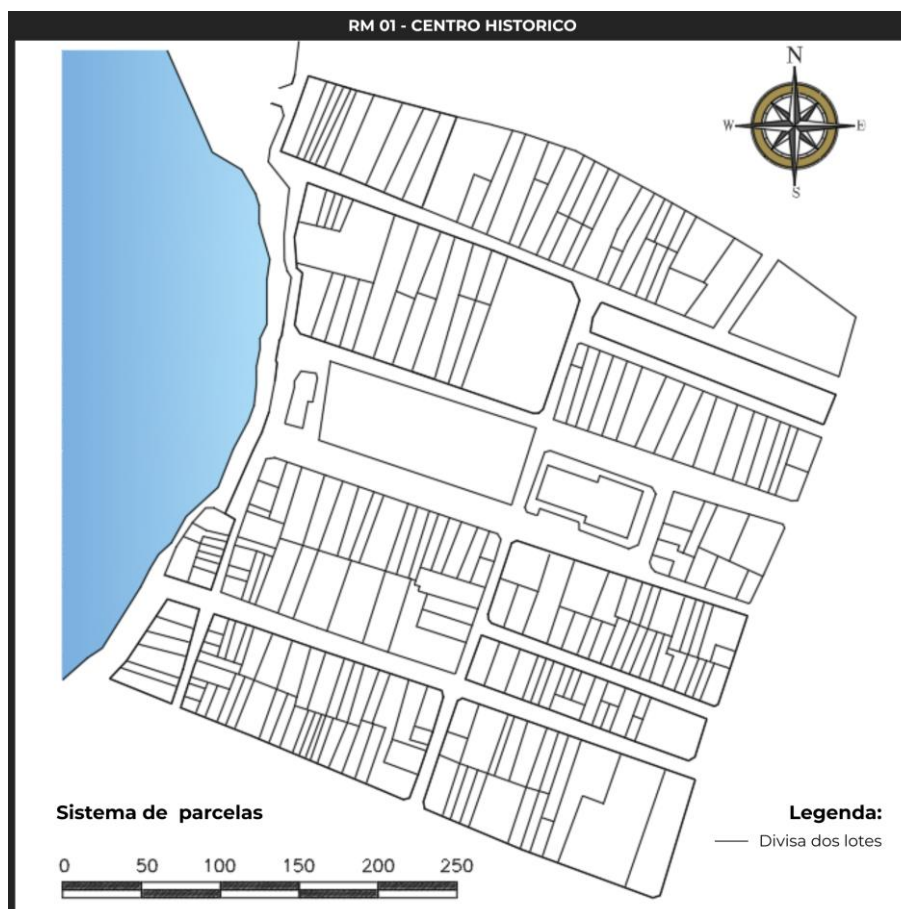
3.3. Análise do Parcelamento - Sistema de Parcelas

Seguindo as análises das regiões morfológicas, o sistema de parcelas, pode ser entendido como a subdivisão fundiária do solo urbano, que constitui um dos elementos importantes da análise morfológica, pois reflete tanto a lógica de ocupação

inicial quanto os processos de adaptação e transformação ao longo do tempo. Entende-se que a leitura das parcelas possibilita compreender a persistência de estruturas fundiárias e sua influência sobre o uso e a forma da cidade.

Desta forma, o sistema de parcelas da RM 01 (Figura 26) revela a predominância de lotes estreitos na testada e longos em profundidade, dispostos paralelamente entre si e ocupando integralmente a extensão do quarteirão, de uma rua à outra. Segundo Teixeira (2012), as edificações implantam-se, majoritariamente, na porção frontal dos lotes, voltadas para a via historicamente reconhecida como “Rua de Baixo”, conforme a nomenclatura setecentista. Essa característica pode ser amplamente observada na RM 01, embora se identifiquem transformações ao longo do tempo, sobretudo decorrentes de processos de subdivisão dos lotes originais, que alteraram parcialmente a configuração parcelada sem, contudo, descaracterizar completamente a lógica inicial de ocupação.

Figura 25 - Sistema de parcela RM 01



O sistema de parcelas da RM 02 confirma essa superutilização das quadras, uma vez que os lotes se distribuem pelas quatro faces do quarteirão, ampliando significativamente a densidade construída. Essa característica é particularmente perceptível nas áreas mais internas da RM 02, enquanto os lotes localizados às margens do rio Paraguai apresentam menor grau de densificação. Essa diferenciação interna reforça a leitura de uma morfologia urbana heterogênea, resultante da combinação entre fatores naturais e processos históricos de ocupação.

Figura 26 - Sistema de parcela RM 02

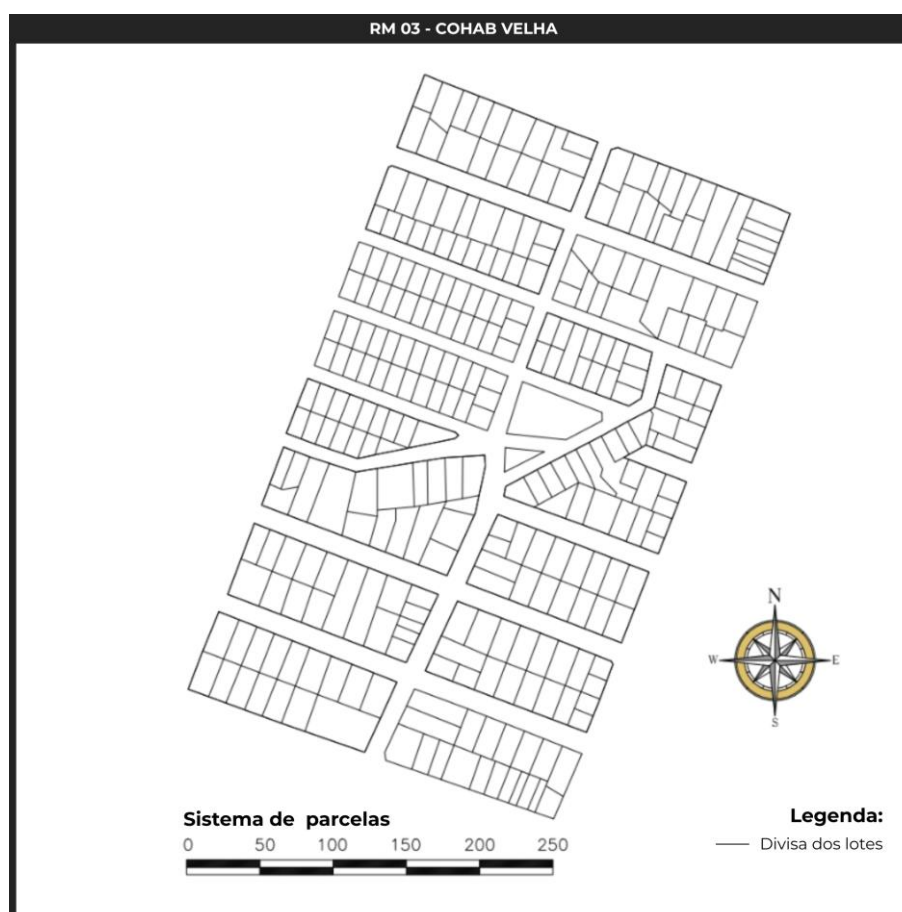


Fonte: Do Autor, 2026

Já na RM 03, o sistema de parcela é marcado pela predominância de parcelas com dimensões padronizadas de aproximadamente 10 x 20 metros, tipologia amplamente difundida nos loteamentos de habitação social promovidos pelo BNH (Figura 27). Os lotes foram originalmente dispostos com fachadas voltadas para a rua e fundos voltados para o interior da quadra, seguindo um modelo simples e funcional de ocupação. Apesar dessa padronização inicial, a análise cartográfica e imagética

revela um processo contínuo de transformação do espaço ao longo dos anos, evidenciado por subdivisões de parcelas, ampliações irregulares e alterações decorrentes de processos de compra, venda e adequações às necessidades das famílias residentes.

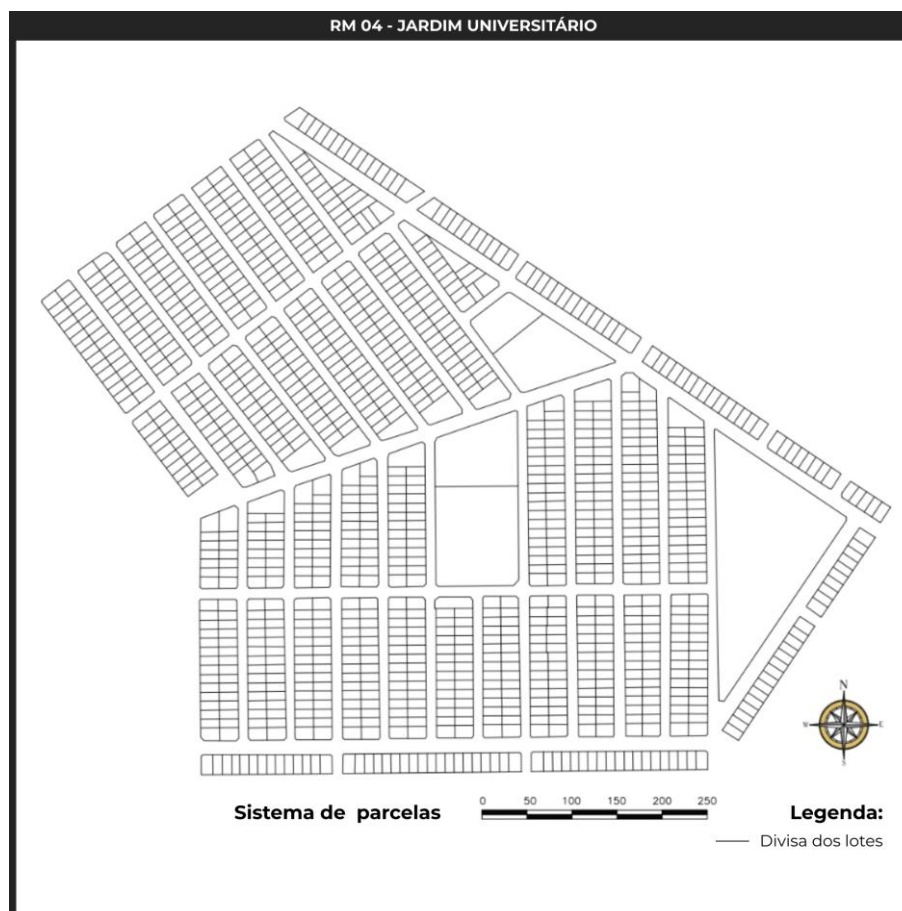
Figura 27 - Sistema de parcela RM 03



Fonte: Do Autor, 2026

Por fim, no sistema de parcelas da RM 04 (Figura 28), observa-se a adoção de estratégias de maximização do aproveitamento das quadras, com lotes dispostos de maneira espelhada, apresentando frentes voltadas para as vias públicas e fundos confrontantes com outros lotes. Essa disposição permite elevar a densidade habitacional e reduzir custos de infraestrutura, características centrais dos empreendimentos de habitação social contemporâneos. A padronização das parcelas reforça a leitura de um espaço urbano altamente racionalizado, no qual a flexibilidade morfológica inicial é limitada.

Figura 28 - Sistema de parcela RM 04



Fonte: Do Autor, 2026

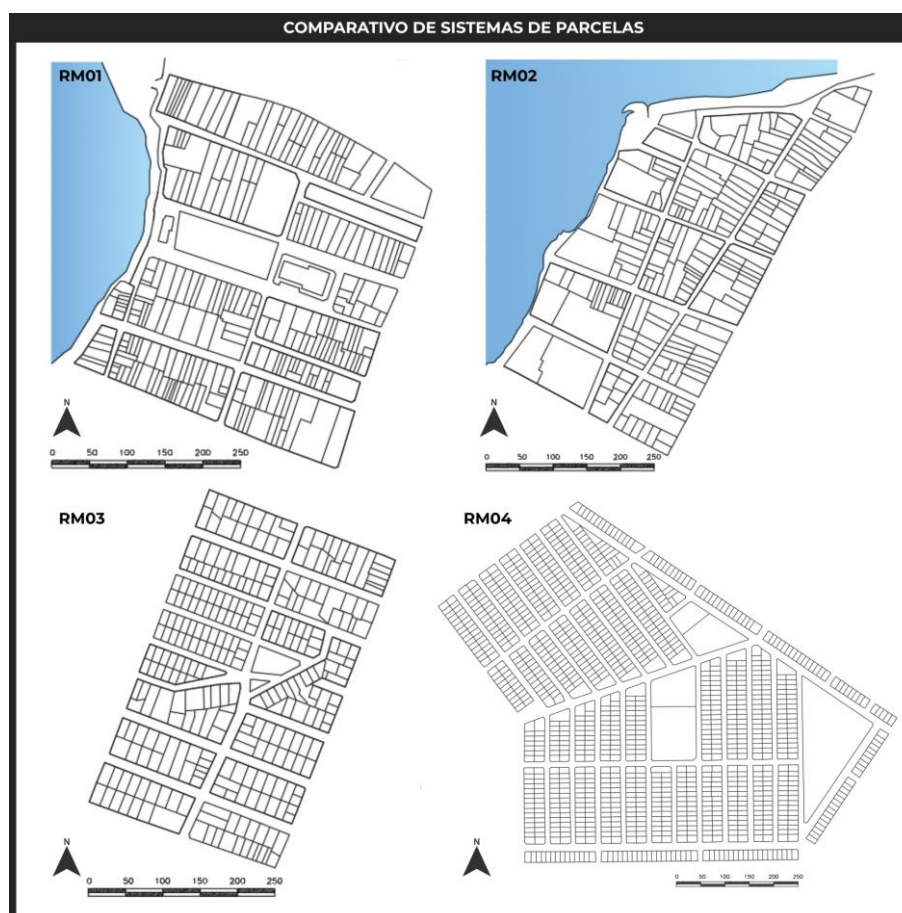
A Região Morfológica 04 expressa de forma evidente um processo de densificação planejado associado aos loteamentos de habitação social, materializado por quadras longas e estreitas, cuja configuração espacial prioriza a maximização do aproveitamento do solo em detrimento de aspectos relacionados ao bem-estar da população. Tal lógica de implantação desconsidera, em grande medida, a integração funcional e espacial com o conjunto da cidade, uma vez que a localização da RM04 se dá em área periférica, afastada do núcleo urbano consolidado e das principais ofertas de comércio, lazer e infraestrutura urbana.

Essa condição resulta em um tecido urbano com limitado acesso às funções centrais da cidade, reforçando padrões de segregação socioespacial e dependência de deslocamentos para a satisfação das necessidades cotidianas. Do ponto de vista morfológico, a conformação das quadras e a padronização do parcelamento e das tipologias edificadas evidenciam a primazia de diretrizes normativas e econômicas

sobre uma abordagem mais sensível às dinâmicas sociais, à urbanidade e à qualidade do espaço construído.

A tabela 29, esquematiza a análise comparativa das regiões morfológicas dos sistemas de parcelas. Sendo possível observar as divergências do tecido urbano e suas discontinuidades, tendo em vista que cada plano corresponde ao período de implantação de cada área.

Figura 29 - Comparativo de sistemas de parcelas



Fonte: Do Autor, 2026

A partir da análise comparativa, é possível observar que em Cáceres–MT, o sistema de parcelas nas áreas mais antigas, o tecido urbano caracteriza-se por lotes estreitos e profundos, frequentemente orientados em relação ao traçado viário e aos eixos de circulação históricos. Esse padrão está associado a formas tradicionais de parcelamento, voltadas à ocupação contínua e à maximização do aproveitamento do solo urbano, sobretudo nas áreas próximas ao núcleo histórico e às margens do rio.

Com a expansão da cidade, observa-se a introdução de parcelamentos mais regulares, com lotes de dimensões padronizadas e menor profundidade relativa, especialmente em bairros planejados ou resultantes de loteamentos formais. Esses novos padrões fundiários indicam uma mudança nos agentes produtores do espaço urbano e nas formas de apropriação do solo, refletindo transformações socioeconômicas e institucionais.

Além disso, processos de remembramento e subdivisão de lotes são identificados em diferentes regiões da cidade, evidenciando adaptações do sistema de parcelas às novas demandas de uso, como a intensificação comercial. Tais transformações demonstram a capacidade de adaptação da estrutura fundiária, ao mesmo tempo em que revelam a persistência de traços morfológicos herdados de fases anteriores.

3.4. Análise das Edificações - Sistema de Edifícios

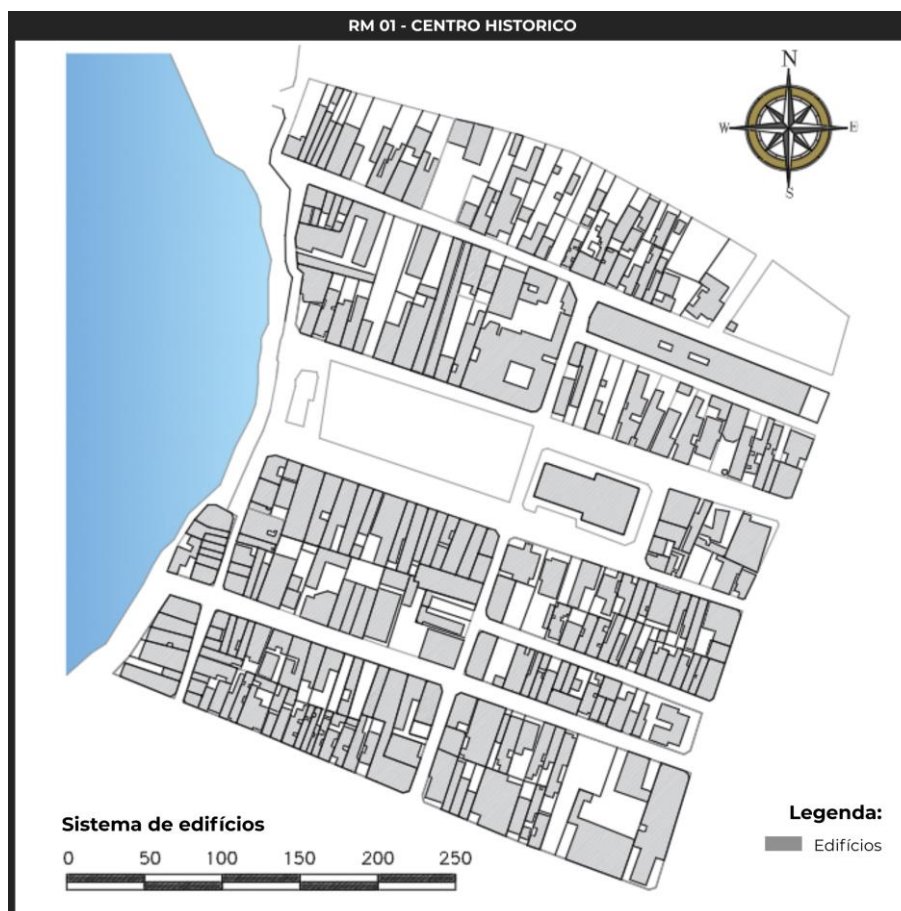
De acordo com Rossi (1966), a cidade sempre foi predominantemente caracterizada pela função residencial, sendo difícil conceber a existência de formações urbanas nas quais o habitar estivesse ausente ou desempenhasse papel meramente secundário. Mesmo nos casos em que a cidade se organizou inicialmente a partir de funções específicas, observa-se que, em curto espaço de tempo, ocorreu uma reconfiguração em favor da residência. Sob essa perspectiva, não é possível considerar o espaço residencial como um elemento amorfo ou de fácil conversão, seja a partir de uma análise histórica, seja pela observação da realidade contemporânea. A materialização das edificações residenciais, expressa por seus tipos arquitetônicos e características tipológicas, mantém relação direta e indissociável com a forma urbana. Ademais, por representar o modo concreto de viver de uma coletividade e a expressão pontual de uma cultura, a residência constitui um elemento que se transforma de maneira lenta, conferindo permanência e continuidade à estrutura da cidade

O sistema de edificações corresponde ao elemento mais dinâmico da tríade conzeniana, pois tende a se transformar mais rapidamente em resposta às mudanças econômicas, sociais e funcionais. Sua análise envolve a observação da tipologia

construtiva, da relação entre edificação e parcela, da ocupação do lote e da volumetria predominante.

Neste sentido, conforme a figura 30, o sistema de edifícios da RM 01 evidencia uma ocupação densa dos lotes, com presença expressiva de casarões históricos, predominantemente datados do século XIX. Um aspecto morfológico relevante é a ocupação contínua das fachadas, sem recuos frontais, estabelecendo uma relação direta entre edificação e espaço público. Essa característica reforça a leitura de um tecido urbano compacto, típico das cidades de origem portuguesa, no qual a conformação das fachadas ao alinhamento da via constitui elemento essencial da paisagem urbana histórica. Em conjunto, os dados analisados permitem afirmar que a RM01 preserva, de forma significativa, os princípios estruturadores do traçado colonial português, configurando-se como área fundamental para a compreensão da formação e da evolução morfológica da cidade de Cáceres.

Figura 30 - Sistema de edifícios RM 01



No que se refere ao sistema de edifícios, a RM02 evidencia um processo de transição morfológica significativo. Embora ainda estejam presentes edificações históricas com fachadas alinhadas diretamente às calçadas, observa-se o surgimento gradual de recuos frontais e laterais. Essas transformações indicam a incorporação de princípios do planejamento urbano do século XX, associados à valorização da ventilação, da iluminação natural e da criação de áreas permeáveis, em contraste com o padrão compacto e contínuo dos edifícios históricos. Assim, a RM02 representa um estágio intermediário na evolução morfológica de Cáceres, no qual coexistem permanências da tradição colonial e inovações urbanísticas que anunciam novas formas de organização do espaço urbano.

Figura 31 - Sistema de edifícios RM 02

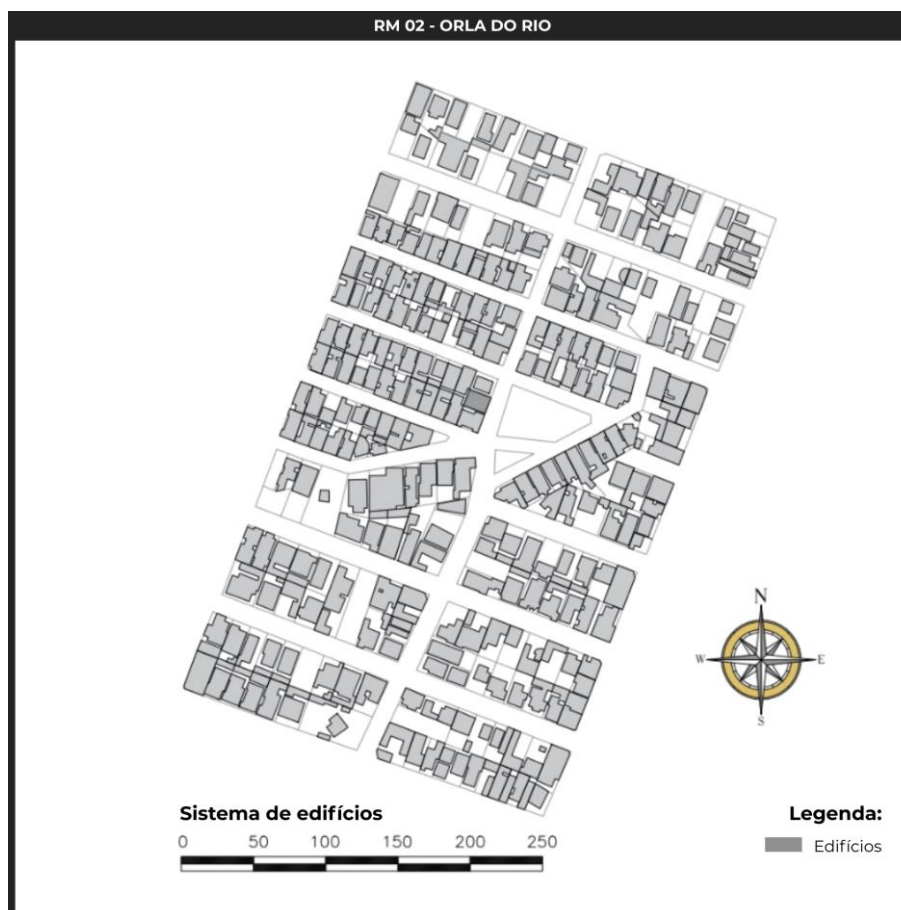


Fonte: Do Autor, 2026

No sistema de edifícios da RM 03, identifica-se inicialmente a padronização das unidades habitacionais, concebidas como habitações de interesse social com áreas mínimas de construção. Essas edificações obedeciam, em sua implantação original,

aos recuos frontais e laterais estabelecidos pelas normativas urbanísticas vigentes, bem como a critérios mínimos de ventilação, iluminação e permeabilidade do solo. Entretanto, com o passar do tempo, tornou-se evidente a modificação dessas tipologias, a partir da incorporação de novas áreas construídas, motivadas pelas demandas funcionais e socioeconômicas dos moradores.

Figura 32 - Sistema de edifícios RM 03



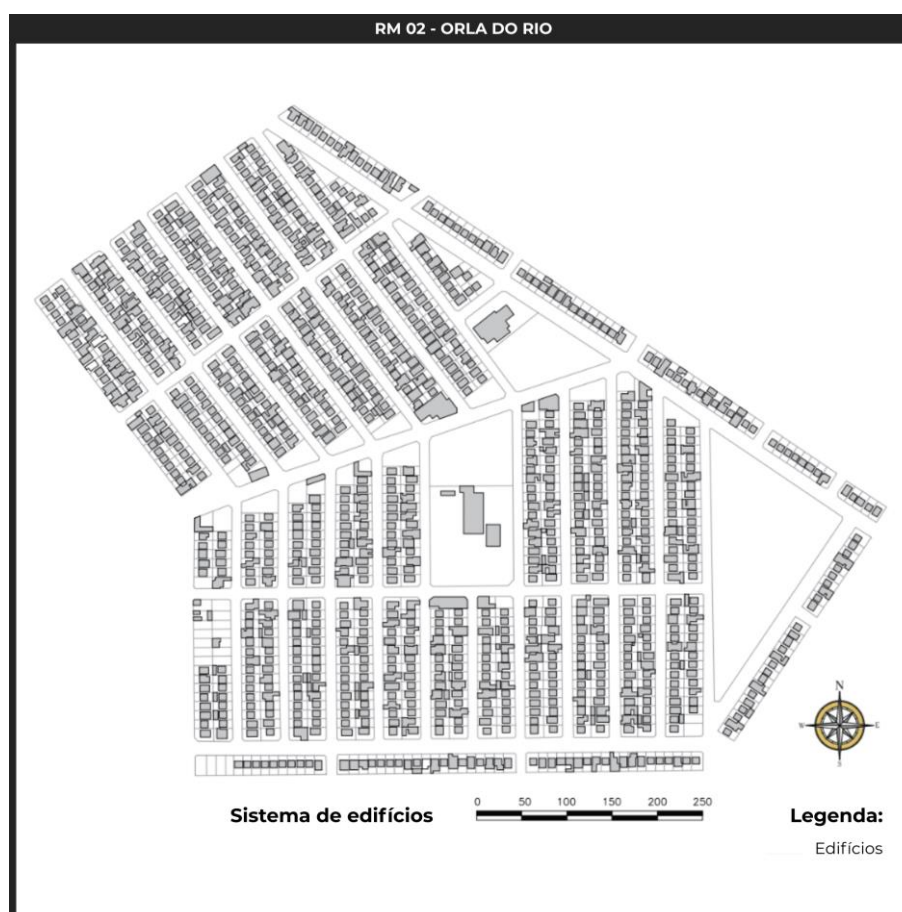
Fonte: Do Autor, 2026

A leitura dos mapas evidencia que, em diversos casos, essas ampliações resultaram no não cumprimento das exigências legais relativas a recuos, taxas de ocupação e impermeabilidade do solo. Tal processo revela a tensão recorrente entre o modelo padronizado de habitação social e a dinâmica real de apropriação do espaço urbano pelos usuários. Assim, a RM 03 expressa uma morfologia urbana marcada pela racionalidade do planejamento moderno em sua origem, mas profundamente transformada por práticas cotidianas de adaptação, que reconfiguram o tecido urbano

e evidenciam os limites das políticas habitacionais padronizadas frente à complexidade da vida urbana.

Por fim, o sistema de edifícios da RM04 é marcado pela padronização das unidades habitacionais em sua configuração original, seguindo os modelos de casas unifamiliares promovidos pelo programa MCMV. Essa repetição tipológica confere à paisagem urbana a característica frequentemente descrita como “plantação de casinhas”, na qual a homogeneidade formal e volumétrica se impõe como elemento dominante. No entanto, a análise das imagens revela o início de um processo de descaracterização desse padrão, decorrente das ampliações progressivas das residências realizadas pelos moradores. Essas transformações indicam, mais uma vez, a distância entre o modelo projetado e as necessidades reais de uso e apropriação do espaço, apontando para a dinâmica contínua de reconfiguração morfológica mesmo em áreas de urbanização recente.

Figura 33 - Sistema de edifícios RM 04



Com base no exposto acima, é possível sintetizar as análises morfológicas de acordo com a figura 33, que esquematiza a análise comparativa das regiões morfológicas dos sistemas de edifícios, e a partir disso, pode-se entender que no tecido urbano de Cáceres–MT, as áreas mais antigas apresentam edificações predominantemente térreas ou de baixo gabarito, alinhadas ao logradouro e implantadas de forma contínua nos limites laterais dos lotes. Esse padrão construtivo está associado à ocupação histórica do centro urbano, às técnicas construtivas tradicionais e aos usos residenciais e comerciais de pequena escala.

Figura 34 - Comparativo do sistema de edifícios



Fonte: Do Autor, 2026

Nas áreas de expansão intermediária, verifica-se maior diversidade tipológica, com edificações residenciais unifamiliares isoladas no lote, recuos frontais e laterais mais frequentes e maior presença de áreas livres. Esse padrão reflete mudanças nos modos de habitar e na legislação urbanística, além da influência de modelos urbanos mais recentes.

Já nas áreas de expansão recente, observa-se a introdução de tipologias contemporâneas, incluindo conjuntos habitacionais padronizados e edificações de maior porte, ainda que a verticalização seja relativamente limitada. A relação entre edificação, parcela e via pública nesses setores evidencia uma ruptura parcial com os padrões históricos, ao mesmo tempo em que mantém certas continuidades impostas pela estrutura fundiária e pelo traçado viário.

A análise integrada das edificações permite, portanto, compreender como os processos de substituição, adensamento e mudança de uso se manifestam espacialmente, contribuindo para a leitura dos processos de transformação morfológica da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz dos estudos apresentados, é possível estabelecer algumas considerações conclusivas. Em primeiro lugar, destaca-se a relação direta entre os métodos de planejamento urbano adotados em cada período histórico e a configuração espacial das quatro Regiões Morfológicas analisadas. Cada uma delas expressa, em sua forma urbana, características próprias dos contextos históricos e das respectivas fases de expansão da cidade, evidenciando a influência dos paradigmas urbanísticos vigentes em seus momentos de implantação. Nesse processo, torna-se igualmente relevante destacar a atuação dos reguladores político-institucionais — por meio de códigos de postura, legislações urbanísticas e políticas habitacionais — como agentes determinantes na conformação do espaço urbano. Em cada Região Morfológica, tais instrumentos atuaram de maneira diferenciada, ora orientando a organização do traçado e do parcelamento, como nas áreas mais antigas, ora impondo padrões mais rígidos e padronizados de ocupação, como nas áreas de habitação social mais recentes.

Outro aspecto fundamental refere-se à compreensão da paisagem urbana como um palimpsesto, conceito discutido por Costa e Netto (2015), segundo o qual o espaço urbano resulta da sobreposição desigual de camadas históricas acumuladas ao longo do tempo em um mesmo suporte físico. Essa condição manifesta-se de maneira mais evidente nas áreas centrais das cidades, geralmente associadas ao núcleo fundacional, marcado pela presença do edifício religioso e pela organização inicial do assentamento em torno do adro da capela. Nesses espaços, a morfogênese do traçado urbano pode ser identificada por meio dos antigos caminhos que conectavam a praça da igreja às vias estruturantes, aos percursos de tropeiros e aos antigos largos de mercado ou de devoção religiosa, atualmente ressignificados como praças e espaços livres públicos. Tais elementos constituem importantes indícios da gênese e da evolução do traçado urbano.

Essas evidências são particularmente expressivas nas Regiões Morfológicas 01 e 02, por integrarem a área de morfogênese da cidade e seus primeiros desdobramentos de expansão urbana. Nessas regiões, a paisagem urbana revela de forma mais clara a sobreposição de camadas históricas, resultante da permanência e da adaptação de formas herdadas. Além disso, observa-se que o crescimento urbano

nesses setores ocorreu predominantemente por meio do adensamento interno, caracterizado pela subdivisão de parcelas, intensificação do uso do solo e adaptação das edificações existentes, sem alterações significativas no traçado viário original.

Em contrapartida, as Regiões Morfológicas 03 e 04 apresentam uma paisagem urbana marcada por maior padronização da tessitura urbana. Tal condição decorre da implantação de conjuntos habitacionais vinculados a políticas públicas de habitação social próprias de seus respectivos períodos históricos, nos quais a atuação estatal se deu de forma mais centralizada e normativa. Nesses casos, os reguladores urbanos atuaram de maneira mais incisiva na definição do traçado, do parcelamento e das tipologias edificadas, resultando em tecidos urbanos homogêneos, com menor diversidade formal e reduzida adaptação ao contexto local. Nessas regiões, o crescimento urbano ocorre predominantemente por expansão espacial, com a incorporação de novas áreas ao perímetro urbano, frequentemente localizadas em setores periféricos e desvinculados das centralidades consolidadas.

Por fim, ressalta-se que a dinâmica urbana de Cáceres resulta da articulação entre essas duas formas de crescimento — o adensamento e a expansão —, ambas diretamente influenciadas pelos contextos históricos e pelos instrumentos de regulação urbana vigentes em cada período. A compreensão desses processos reforça a leitura da cidade como um organismo vivo, em permanente construção, no qual história, forma e espaço se entrelaçam de maneira dinâmica. Nesse sentido, permanências e transformações coexistem e se materializam continuamente na paisagem urbana, evidenciando o papel ativo tanto dos agentes sociais quanto dos dispositivos institucionais na produção do espaço urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Leandro. A Avenida Sete de Setembro em Cáceres-MT: história e memória. **Revista Eletrônica História, Natureza e Espaço**, v. 3, n. 1, 2014. Disponível em: <www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/niesbf/article/download/17427/12837>. Acesso em: 11 dez. 2024.
- ARAUJO, Renata Malcher; CARTA, Helder; ROSSA, Walter. **Exposição Universo Urbanístico Português: 1415–1822**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2002.
- BONDUKI, N. **Política habitacional e inclusão social no Brasil: revisão histórica e novas perspectivas no governo Lula**. 2006. Disponível em: http://usjt.br/arq.urb/numero_01/artigo_05_180908.pdf. Acesso em: 20 ago. 2025.
- CARDOSO, A. L.; JAENISCH, S. T. **Mercado imobiliário e política habitacional nos governos de Lula e Dilma: entre o mercado financeiro e a produção habitacional subsidiada**. In: *Encontro Nacional da ANPUR*, 17., 2017, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: ANPUR, 2017. Disponível em: http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST_5/ST_5.1/ST_5.1-03.pdf. Acesso em: 25 out. 2025.
- CASTRILLON, Maria de Lourdes F. **Um esboço sobre a Câmara Municipal de Vila Maria do Paraguai, 1859 – 1889**. Cuiabá: KCM, 2006. 66 p.
- CHAVES, Otavio Ribeiro; ARRUDA, Elmar Figueiredo de. **História e memória: Cáceres**. Cáceres: Editora Unemat, 2011. 303 p.
- CONZEN, Michael R. G. **Alnwick, Northumberland: a study in town-plan analysis**. Edição em língua portuguesa. Tradução de Vítor Oliveira; Cláudia Monteiro. Londres: The Institute of British Geographers, 1969. Tradução publicada por Urban Forms, 2022. Disponível em: <https://vitoroliveira.fe.up.pt/alnwick.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2025.
- COSTA, Staël de Alvarenga Pereira; GIMMLER NETTO, Maria Manoela. **Fundamentos de morfologia urbana**. Belo Horizonte: C/Arte, 2015. 236 p.
- COSTA, Staël de Alvarenga Pereira; TEIXEIRA, Maria Cristina Villefort. The study of urban form in Brazil. **Urban Morphology**, v. 18, n. 2, p. 119–127, 2014. Disponível em: <https://journal.urbanform.org/index.php/jum/article/view/3998>. Acesso em: 12 fev. 2025.
- COSTA, Staël de Alvarenga Pereira; TEIXEIRA, Maria Cristina Villefort; SALGADO, Mariana; GIMMLER NETTO, Manoel Mário; SCHIAVO, Priscila. Sincronicidade e mudanças de paradigmas nas principais escolas de Morfologia Urbana. **Revista de Morfologia Urbana**, v. 11, n. 2, 2023. DOI: 10.47235/rmu.v11i2.315. Disponível em: <https://www.revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/article/view/315>. Acesso em: 31 jan. 2025.

FERREIRA, João Carlos V. História de Cáceres. In: PORTAL MATO GROSSO, jan. 2017. Disponível em: <http://portalmatogrosso.com.br/municipios/caceres/historia-de-caceres/442>. Acesso em: 11 set. 2024.

FEST, Fausto D. C. **Projeto CURA**: complementação urbana e mudanças espaciais. 2005. 186 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp033544.pdf>. Acesso em: 13 dez 2024.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Banco Nacional de Habitação**. 2019. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/banco-nacional-da-habitacao-bnh>. Acesso em: 20 ago. 2024.

GARCIA, Domingos Sávio Corrêa; MICELI, Paulo César. **História e fronteira**: Cáceres. Cáceres: Editora Unemat, 2014. 223 p.

HOFMEISTER, Burkhard. The study of urban form in Germany. **Urban Morphology**, v. 8, n. 1, p. 3–12, 2004. Disponível em: <https://journal.urbanform.org/index.php/jum/article/view/3908/3228>. Acesso em: 12 fev. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades e Estados - Cáceres (MT)**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/caceres/panorama>. Acesso em: 13 mar. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **O conjunto urbanístico e paisagístico de Cáceres (MT) é tombado pelo Iphan, em 2010**. Portal IPHAN, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/367/#:~:text=O%20conjunto%20urban%C3%ADstico%20e%20paisag%C3%ADstico,tombado%20pelo%20Iphan%2C%20em%202010>. Acesso em: 11 jun. 2025.

MENDES, Natalino F. **História de Cáceres**: origem, evolução, presença da força armada. Tomo II. Cáceres: Editora Unemat, 2010.

MOREIRA, V. S.; SILVEIRA, S. F. R.; EUCLYDES, F. M. **Minha Casa, Minha Vida em números: quais conclusões podemos extrair?** In: *Encontro Brasileiro de Administração Pública*, 4., 2017, João Pessoa. Anais [...]. João Pessoa: SBAP, 2017. Disponível em: <http://www.ufpb.br/ebap/contents/documentos/0594-613-minha-casa.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2025.

MOUDON, Anne Vernez; OLIVEIRA, Vítor. Morfologia urbana como um campo interdisciplinar emergente. **Revista de Morfologia Urbana**, v. 3, n. 1, p. 41–49, 2015. DOI: 10.47235/rmu.v3i1.16. Disponível em: <https://www.revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/article/view/16>. Acesso em: 31 jan. 2025.

NDIHR/UFMT. **São Luiz de Cáceres**. Cuiabá: Editora UFMT, [s.d.].

OLIVEIRA, Vitor W. N. **Estrada móvel, fronteiras incertas**: os trabalhadores do Rio Paraguai (1917-1926). Campo Grande: Ed. UFMS, 2005. 204 p.

OLIVEIRA, Vítor; MONTEIRO, Cláudia. As origens da morfologia urbana e a geografia alemã. **Revista de Morfologia Urbana**, v. 2, n. 1, p. 37, 2014. Disponível

em: https://www.researchgate.net/profile/Vitor-Oliveira-15/publication/280741408_Revista_de_Morfologia_Urbana_21/links/55c5034208aeb9756741ef28/Revista-de-Morfologia-Urbana-21.pdf#page=39. Acesso em: 31 jan. 2025.

OLIVEIRA, Vítor; ZAITTER, Bruno. Uma introdução ao estudo da forma urbana no Brasil. **Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 12, e20200000, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-3369.012.e20200000>.

PACHECO, D. S.; ARAÚJO, D. M. **Programa Minha Casa Minha Vida: uma análise crítica de suas tendências e resultados a partir de estudos e produções técnicas sobre o programa**. In: *Jornada Internacional de Políticas Públicas*, 8., 2017, São Luís. Anais [...]. São Luís: UFMA, 2017. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo11/programaminhacasaminhavidamaanalisecriticadesuas tendencias e resultados a partir de estudo e produco est eor icassobre programa.pdf>. Acesso em: 25 out. 2025.

PANTALEÃO, Sandra Catharine; DELFINO, Dhyogo Santis. Morfologia e desenho urbano: uma análise da formação da paisagem de Goiânia-GO. **Revista Mirante**, v. 10, n. 5A, p. 97–116, 2017. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/mirante/article/view/7129>. Acesso em: 12 fev. 2025.

PAULO JÚNIOR, L. **A história do BNH – Banco Nacional de Habitação**. 2015. Disponível em: <https://www.resimob.com.br/a-historia-do-bnh-banco-nacional-de-habitacao/>. Acesso em: 3 set. 2025.

PEREIRA, Renata Baesso. “**Tipologia arquitetônica e morfologia urbana. Uma abordagem histórica de conceitos e métodos**”. *Arquitextos*, São Paulo, ano 13, n. 146.04, Vitruvius, jul. 2012
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.146/4421>>.

PINHO, Rachel Tegon de. **Cáceres: olhares sobre a tessitura urbana de São Luiz de Cáceres**. In: CHAVES, Otavio Ribeiro; ARRUDA, Elmar Figueiredo de (org.). *História e memória: Cáceres*. Cáceres: Editora Unemat, 2011. p. 66-80.

PORTAL MATO GROSSO. **Geografia de Cáceres**. 15 jan. 2017. Disponível em: <https://portalmatogrosso.com.br/geografia-de-caceres/>. Acesso em: 13 mar. 2025.

REGO, Renato Leão; MENEGUETTI, Karin Schwabe. A respeito de morfologia urbana: tópicos básicos para estudos da forma da cidade. **Acta Scientiarum. Technology**, v. 33, n. 2, p. 123–127, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3032/303226531003.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2025.

SCHÜRMAN, Betina. Urbanização colonial na América Latina: cidade planejada versus desleixo e caos. **Textos de História**, Brasília, v. 7, n. 1-2, jan. 1999. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/11861>. Acesso em: 30 out. 2024.

SILVA, Marcela de Almeida; NEVES, Sandra Mara Alves da Silva; NEVES, Ronaldo José; ARRUDA, Renato Fonseca. **Percorso interpretativo do centro histórico Cáceres/MT, para fins turísticos e de educação patrimonial**. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 435–458, 2016. DOI:

10.7784/rbtur.v10i3.1053. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/1053>. Acesso em: 6 jan. 2026.

TEIXEIRA, Manuel C. **A Forma da Cidade de Origem Portuguesa**. São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012.

WHITEHAND, Jeremy W. R. Issues in urban morphology. **Urban Morphology**, v. 16, n. 1, p. 55–65, 2012. Disponível em: <https://journal.urbanform.org/index.php/jum/article/view/3968>. Acesso em: 12 fev. 2025.

WHITEHAND, Jeremy W. R. Morfologia urbana britânica: a tradição Conzeniana. **Revista de Morfologia Urbana**, Lisboa, v. 1, p. 45–52, 2013. Tradução de: British Urban Morphology: the Conzenian tradition. *Urban Morphology*, 2001.